

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**  
**LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**VANUSA DE JESUS OLIVEIRA**

**O PROCESSO DE OCUPAÇÃO DO ASSENTAMENTO BOM JESUS-  
BA: OS DESAFIOS DOS PROFESSORES ( AS) NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

Amargosa/ba

2024

**VANUSA DE JESUS OLIVEIRA**

**O PROCESSO DE OCUPAÇÃO DO ASSENTAMENTO BOM JESUS-  
BA: OS DESAFIOS DOS PROFESSORES NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

Monografia apresentada ao Colegiado do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia no Centro de Formação de Professores, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> DR<sup>a</sup> THEREZA CRISTINA BASTOS  
COSTA DE OLIVEIRA

Amargosa/BA

2024

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA**  
**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**  
**LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**COMISSÃO PARECERISTA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE**  
**VANUSA DE JESUS OLIVEIRA**

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. THEREZA CRISTINA BASTOS COSTA DE OLIVEIRA

Universidade Federal do recôncavo da Bahia - UFRB

ORIENTADORA

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. GILSÉLIA MACEDO CARDOSO FREITAS

(Universidade Federal Do Recôncavo Da Bahia)

---

Prof. Dr<sup>a</sup> AURELIANA DA SILVA TAVARES

(Universidade Federal Do Recôncavo Da Bahia)

TCC HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DO CURSO LICENCIATURA EM  
PEDAGOGIA, CONFERINDO O TÍTULO DE LICENCIADO EM PEDAGOGIA PARA  
VANUSA DE JESUS OLIVEIRA.

Amargosa-Ba, 17de Julho de 2024.

APROVADO EM \_\_\_\_\_

[Digite texto]

*Às minhas irmãs, Patrícia e Valmira...*

*Os seus carinhos foram de suma importância, vocês foram meu combustível diário nesta trajetória acadêmica para que eu conseguisse alcançar os meus objetivos, fizeram durante estes cinco anos até mesmo o impossível para que eu permanecesse na Universidade. Estão comigo desde início, segurando a minha mão, me dando força e passando energias positivas... Gratidão!*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradecer á Deus e ao Universo, por permitir seguir nessa trajetória fazendo com que alcançasse cada etapa desta caminhada de luta, proporcionando forças significantes.

À minha família, especialmente às minhas irmãs, Valmira e Patrícia, que fizeram de tudo para que eu concluísse a minha graduação, depositando todas suas forças, fazendo o impossível para que eu finalizasse o curso, foram minha inspiração maior, pois sou a primeira da família a ingressar na universidade.

Agradecer às minhas amigas, Itamiles, Lucimara, Renata e Luiza que estiveram comigo desde o início. Agradecer imensamente a Escola Agrícola Comunitária Margarida Alves, que proporcionou meios para que eu permanecesse no curso, contribuindo financeiramente, e estiveram sempre à minha disposição em todos os momentos, e as meus ex-professores e amigos que fizeram parte deste núcleo, especialmente a Maria D'ajuda e Jandira França.

Aos meus amigos e companheiros do Assentamento Bom Jesus, que se fizeram presente nesta minha trajetória desde o início. Agradeço ao Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) por me proporcionar e conceder forças para que eu seguisse em frente nesta luta, que colocaram à disposição no que precisasse, contribuindo na minha aprendizagem, e na minha formação como sujeito, os quais eu tive o privilégio de conhecer e compartilhar momentos.

Ao Grupo de Estudo da minha trajetória dentro da universidade, “*As Poderosas*”, composto por Andresa, Bruna, Maíra e Samara, amigas que estiveram comigo nesta luta durante esses anos.

Agradeço, imensamente, a minha querida orientadora, prof. Dr<sup>a</sup>. Thereza Cristina Bastos Costa de Oliveira, por aceitar me orientar. Obrigada pelo carinho e pela disposição na orientação do mesmo, se não fosse por ela não teria chegado nesta reta final, gratidão!

Agradecer ao Centro de Formação de Professores – CFP, por me proporcionar professores incríveis, que tiveram um significado importantíssimo na minha luta universitária, agradecer também todos aqueles colegas que estiveram comigo durante esses cinco anos, meus sinceros muito obrigada.

Por fim, gratidão!

[Digite texto]

*“Incluir é abraçar as diferenças, conviver com elas e aceitá-las por inteiro.”*

[Digite texto]

## RESUMO

Este trabalho monográfico apresenta informações sobre o processo de ocupação do Assentamento Bom Jesus e os desafios enfrentados pelos professores na Educação inclusiva no campo, com o objetivo de analisar como alguns problemas podem ser amenizados. Onde são considerados critérios estéticos e discursivos, no intuito de compreender, como se deu o processo de ocupação deste Assentamento e como os professores enfrentam esses desafios diante da sala de aula, bem como, discutir coletivamente, a importância de refletir sobre os problemas encontrados durante esses anos de vivências e resistência dos companheiros assentados e acampados, que se fez e se faz presente dentro do Assentamento. Nesse sentido, o objetivo do presente trabalho é compreender a importância do processo de ocupação e os desafios dos professores na educação inclusiva neste Assentamento, fazendo uma retrospectiva desde 2004 até aos anos atuais, refletindo como o Assentamento Bom Jesus pode contribuir no processo de informações coletivas, buscando conhecimentos coletados juntos com os companheiros assentados e acampados. Tendo em vista o processo de ocupação dos companheiros/as enfrentado disputas e lutas, por um pedaço de terra, para sustentar seus filhos e produzir alimentos saudáveis, proporcionando uma Educação do Campo de qualidade, e um ambiente seguro, para os “*sem-terrinhas*” do Assentamento. Em suma, a pesquisa aponta que a participação dos companheiros/as é de extrema importância para a contribuição coletiva no processo de construir e reconstruir a história do Assentamento Bom Jesus, buscando professores qualificados que atuam na área da reforma agrária para assim, fomentar o crescimento de todos em sala de aula. A intenção é que esta investigação forneça subsídios sobre o tema em questão, trazendo contribuições significativas que possam promover propostas de apoio, para que outras pessoas possam ter acesso e conhecer como se deu o processo de ocupação do Assentamento Bom Jesus e os desafios encontrados dentro da sala de aula nesse local e suas diversidades.

**Palavras-chave:** Assentamento. Educação do campo. Ocupação. Educação inclusiva

## ABSTRACT

This monographic work presents information about the occupation process of the Bom Jesus Settlement and the challenges faced by teachers in inclusive education in the countryside. Where aesthetic and discursive criteria were considered, in order to understand how the process of occupying this Settlement took place and how teachers face these challenges in the classroom, as well as collectively discussing the importance of reflecting on the problems encountered during these years of experiences and resistance of fellow settlers and campers, which was and is present within the Settlement. In this sense, the objective of this work is to understand the importance of the occupation process and the challenges faced by teachers in inclusive education in this Settlement, looking back from 2004 to the present year, reflecting how the Bom Jesus Settlement can contribute to the process of collective information , seeking knowledge collected together with fellow settlers and campers. Bearing in mind the process of occupation of the companions, they faced disputes and struggles, for a piece of land, to support their children and produce healthy food, providing quality Rural Education, and a safe environment, for the “*landless*” of the Settlement. In short, the research points out that the participation of companions is extremely important for the collective contribution in the process of building and rebuilding the history of the Bom Jesus Settlement, seeking qualified teachers who work in the area of agrarian reform to thus contribute to growth of everyone in the classroom. The intention is that this investigation provides information on the topic in question, bringing significant contributions that can promote support proposals, so that other people can have access and learn about how the process of occupation of the Bom Jesus Settlement took place and the challenges encountered within the classroom in this location and its diversities.

**Keywords:** Settlement. Rural education. Occupation. inclusive education



## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

**TDAH** – TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO COM HIPERATIVIDADE

**MST** - MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA

**UFRB** - UNIVERSIDADE DO RECÔNCAVO DA BAHIA

**CFP** - CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

**TCC** - TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

## SUMÁRIO

### **1 INTRODUÇÃO**

### **2 METODOLOGIA**

2.1 ABORDAGEM DE PESQUISA QUALITATIVA

2.2 TIPO DE PESQUISA

2.3 FONTES DE RECOLHAS DE DADOS

2.4 CAMPO EMPÍRICO E COLABORADORES DA PESQUISA

2.5 ANÁLISES DE DADOS

### **3 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO DO ASSENTAMENTO BOM JESUS**

### **4 PROCESSO DE OCUPAÇÃO DO ASSENTAMENTO BOM JESUS**

4.1 LUTA E RESISTÊNCIA DOS ACAMPADOS DENTRO DO PROCESSO DE ACAMPAMENTO

4.2 A QUESTÃO FINANCEIRA DESSES COMPANHEIROS NAQUELA ÉPOCA

### **5 O ENSINO NO ASSENTAMENTO BOM JESUS**

5.1 LUTA DO MST POR UMA EDUCAÇÃO DO CAMPO

5.2 A INCLUSÃO DE CRIANÇAS NAS ESCOLAS DO CAMPO

5.3 O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NO ASSENTAMENTO BOM JESUS

### **6 ANÁLISE INTERPRETATIVA DOS DEPOIMENTOS**

6.1 A CLASSE MULTISSERIADA NA ESCOLA DO CAMPO

### **7 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### **8 CONSIDERAÇÕES PROPOSITIVA**

### **REFERÊNCIAS**

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho monográfico tem como objetivo a discussão acerca do processo de ocupação do Assentamento Bom Jesus, que fica localizado há 35 quilômetros da sede do município de Igrapiúna-BA, e os desafios diários que os professores têm na Educação inclusiva, no assentamento. Como moradora e militante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), resido no Assentamento há 20 anos. Hoje, além de residente e militante, sou Secretária do Assentamento, componho o setor da Educação da Brigada Costa do Dendê. O Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra tem uma contribuição riquíssima na minha vida pessoal e acadêmica, o MST vem proporcionando informações pertinentes durante esses vinte anos de trajetória de luta e resistência. Com o falecimento dos meus pais, o lote que os pertencia foi passado para minha irmã, alguns anos depois a mesma casou-se e foi morar no Assentamento vizinho, “Limoeiro”, e o lote foi passado para meu nome.

Esse Assentamento nasce de uma luta e resistência do povo camponês, por um pedaço de terra para sustentar seus filhos e produzir alimentos saudáveis. Ao fazer parte desse movimento, surgiu o interesse em pesquisar e discutir os processos de ocupação e os desafios encontrados pelos professores no Assentamento, e como já fiz parte da Educação dentro de dois Assentamentos do MST, nasceu o interesse de falar sobre os processos nessas escolas. Em 2018, contribuir no programa Mais Educação, no Assentamento Limoeiro, por três meses e, no EJA, por mais três meses, já no Bom Jesus, contribuir no Ensino Fundamental por seis meses, isso fez despertar o interesse em desenvolver esta pesquisa dentro desses espaços, junto com os pais e a comunidade, contribuindo para que o anseio por uma educação de qualidade chegue de forma acessível nas escolas do campo, esse é o nosso interesse de questionar a Educação nestes espaços, buscando construir *links* como fonte de pesquisa na área da educação infantil, e dos anos iniciais do ensino fundamental.

Tendo em vista que a maior das preocupações para os pais, e desafios, para os professores são os alunos com necessidades especiais, que ingressam esses espaços para estudar, com o objetivo de melhora no desenvolvimento educacional e no ensino e aprendizagem dessas crianças, contudo a comunidade não têm professores qualificados, ou especializados, para dá o suporte necessário a esses alunos com necessidades especiais específicas.

Todavia, essa pesquisa vem com o objetivo norteador de incentivar o núcleo acadêmico e os familiares a buscarem o direitos necessários para construir uma educação

igualitária, lutando para melhoria das escolas do campo, com o desafio de chamar atenção da comunidade para juntos lutarem pelos direitos de cada um/a que necessita de cuidados especiais. A comunidade e o núcleo escolar têm por obrigação encontrar projetos que atendam e incluam, em atividades, as pessoas com necessidades especiais, assim, tendo como proposta desafiadora conscientizar toda a comunidade a respeito da melhoria da Educação. Pois com tudo isso, quem acaba sofrendo as consequências são os alunos que estão presentes no seu dia a dia na comunidade e na sala de aula, ao ser desvalorizado.

Com tudo isso, os alunos especiais do campo não são contemplado com as demandas necessária para uma educação de qualidade, tendo em vista que os desafios do professor dentro da sala de aula são grandes, pois, nessas escola faltam profissionais qualificados para suprir as necessidades do ensino e aprendizagem das crianças, ainda sendo a maioria das turmas multisseriada, o professor fica sujeito, obrigatoriamente, a sanar todos esses trabalhos dentro da sala.

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, INEP, afirma que fez um levantamento demonstrando como, em uma década (2003-2013) de investimento em práticas inclusivas, as matrículas de jovens com deficiência no Ensino Médio aumentaram quase 88%. Já no Ensino Superior, o aumento ficou pouco acima dos 83%. Nos últimos anos, esse aumento se manteve, em 2020, o número de matrículas de estudantes com alguma deficiência chegou a 1,3 milhões, um aumento de 34,7% em relação a 2016. Além disso, entre os estudantes de 4 a 17 anos, observa-se que o percentual de matrículas em turmas e escolas inclusivas continuou aumentando gradativamente, passando de 89,5%, em 2016, para 93,3%, em 2020.

Observa-se que, mesmo com o aumento desses alunos com deficiências, as demandas e as dificuldades da escola ainda continuam as mesmas, não houve mudanças significativas, todavia, muitos estudantes e familiares não têm acesso às condições essenciais ao seu desenvolvimento no âmbito escolar, percebemos que esse problema não se constitui apenas como responsabilidade exclusiva do professor ou do diretor, mas sim do Poder Público e de toda comunidade escolar, desta forma a declaração de Salamanca afirma que:

[...]Escolas devem buscar formas de educar tais crianças bem-sucedidamente, incluindo aquelas que possuam desvantagens severas. Existe um consenso emergente de que crianças e jovens com necessidades educacionais especiais devam ser incluídas em arranjos educacionais feitos para a maioria das crianças. Isto levou ao conceito de escola inclusiva. O desafio que confronta a escola inclusiva é no que diz respeito ao desenvolvimento de uma pedagogia centrada na criança é capaz de

bem sucedidamente educar todas as crianças, incluindo aquelas que possuam desvantagens severas. O mérito de tais escolas não reside somente no fato de que elas sejam capazes de prover uma educação de alta qualidade a todas as crianças: o estabelecimento de tais escolas é um passo crucial no sentido de modificar atitudes discriminatórias, de criar comunidades acolhedoras e de desenvolver uma sociedade inclusiva (SALAMANCA, 1994)

Desta forma, o núcleo escolar tem por obrigação incluir aquelas pessoas que estão em desvantagem no conceito educacional de uma educação de qualidade, com o desenvolvimento de uma prática pedagógica que estabeleça saberes e promovendo um ensino de qualidade para todos, seja ela do campo ou na cidade, para que todas as crianças possam ser beneficiadas.

Caiado e Meletti (2011, p.102) afirmam que na insuficiência de políticas públicas para as pessoas que residem do campo, seja qual for a situação como a educação, saúde, transporte, moradia e trabalho, revelam-se o impedimento de pessoas com deficiência viverem com dignidade e participarem da vida social dos moradores desta comunidade.

A educação inclusiva, e sua diversidade, proporcionam temáticas relevantes e pertinentes para aprofundamento nesses assuntos, discutindo o Assentamento Bom Jesus, com o objetivo de um engajamento com mais profundidade, e de apoio aos professores do campo, junto com uma educação popular. Assim, investigar sobre esse assunto é de suma importância, na perspectiva de buscar possibilidades de apoio aos professores e familiares no meio escolar, e no processo de ensino e aprendizagem como uma necessidade de que a comunidade e a escola precisam ter consciência dos fatos e persistir nos valores mostrando preocupação em ocupar e reconhecer os espaços da educação do campo, com a concepção de adquirir fundamentos para que possamos encontrar soluções para essas escolas.

Portanto, Arroyo (2006) afirma que a educação do campo não se restringe à educação formal à escola, embora estas tenham sido elementos marcantes na luta deste movimento, além da busca de um projeto educativo que melhore efetivamente os descasos enfrentados na realidade cotidiana, pois o trabalho do campo está vinculado com a cultura, às relações sociais, e isso não ocorre de forma igualitária para todos desse espaço, demarcando a necessidade da compreensão de uma educação profissional e da agricultura campesina.

Tendo em vista, que estes processos apresentam uma educação do campo fragmentada na construção dos saberes educacional, embora vivemos sob a égide do individualismo, principalmente as escolas dos movimentos sociais, da concorrência, da hegemonia centralizadora do poder, da incerteza, da luta pela sobrevivência, a falta de infraestrutura nas escolas e de investimentos. Nesse sentido, a inclusão é uma prerrogativa no contexto atual,

pois precisamos entender os meios necessários para que ela possa acontecer de forma justa e efetiva, levando em consideração que os direitos básicos das populações não podem ser negados, mas sim estabelecendo, abrindo portas para todas as sociedades, inclusive a do campo, pois ainda hoje os nossos direitos, como povos das zonas rurais/ MST não são ainda uma das melhores, indagamos e lutamos para que todas as pessoas do campo possam usufruir e serem beneficiados com os direitos e oportunidades, privilégios, vantagens, lutando para uma educação transformadora.

Para que esses anseios sejam alcançados, necessitamos quebrar essas barreiras de comunicação, pois os alunos precisam de uma boa educação garantida, que possa suprir suas necessidades de modo que haja progresso em seus desenvolvimentos educacionais e sociais. O Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra, luta por uma educação igualitária e para que essa educação chegue dentro dos Assentamentos, com isso, batalhamos todos os dias em busca de uma educação melhor, assim o Estatuto da Pessoa com Deficiência afirma que:

Art. 40. É direito fundamental da pessoa com deficiência à educação, a fim de garantir que a mesma atinja e mantenha o nível adequado de aprendizagem, de acordo com suas características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem. Parágrafo único. É dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar a educação de qualidade à pessoa com deficiência, colocando-a a salvo de toda a forma de negligência, discriminação, violência, crueldade e opressão escolar (ESTATUTO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA, 2015).

Deste modo, fica visível a importância de priorizar um olhar mais preciso para as práticas docentes direcionadas à inclusão desses alunos, de forma que sejam propiciadas condições para que cada um deles tenha garantidas as condições de ensino e aprendizagem. Todavia, alegamos como reflexões algumas perguntas centradas na nossa investigação, tais como: Como se dá às práticas docentes desenvolvidas no processo de inclusão desses alunos no Assentamento? Quais são as dificuldades para garantir o direito da educação para os assentados e acampados? O objetivo deste trabalho é analisar como são avaliadas e vivenciadas as necessidades dos alunos nestas escolas, e como os professores lidam com as dificuldades encontradas dentro dessa comunidade escolar específica, desde o seu processo de ocupação.

Buscamos mostrar e identificar as dificuldades que os professores têm se deparado dentro da sala em suas práticas, ao trabalhar com alunos com necessidades especiais nas classes multisseriada. No Assentamento ainda é comum não termos uma política que contribua com a Educação Inclusiva nas escolas, pois, a escola desse espaço possuem uma única sala de classe multisseriada, sem ventilação, mobiliário e recursos didáticos adequados

para atender às especificidades dos estudantes com necessidades especiais . Ademais, o acesso, via de regra, é muito difícil, não só pela distância, mas, também, pela precariedade dos transportes, que expõem alunos e professores a riscos e humilhações constantes, o que se agrava no período do inverno, com as chuvas, pois os alunos ficam semanas sem ir à escola, porque o transporte não entra no Assentamento devido às estradas em más condições, e os poucos que conseguem chegar à escola, correm o risco de ficarem sem aula, pois muitas das vezes os professores também não conseguem chegar à escola pelos mesmos motivos.

Dessa forma, buscamos analisar, de que maneira o Assentamento Bom Jesus pode contribuir, com os seus ensinamentos e os princípios, para uma educação inclusiva entre os assentados e acampados? Para tanto, a pesquisa tem como objetivo geral: Entender o funcionamento da educação dentro deste Assentamento em diferentes níveis. Deste objetivo geral e do problema em pauta, foram delimitados os objetivos específicos em quatro pontos, os quais ajudam a responder os questionamentos deste estudo: **I** – Buscar com se deu o processo de ocupação dentro do Assentamento Bom Jesus; **II** Compreender a importância do processo de ocupação e os desafios dos professores na educação inclusiva neste Assentamento; **III** - Refletir sobre os problemas encontrados durante esses anos de vivências e resistência dos companheiros assentados e acampados,; **IV** - Discutir sobre os desafios para uma Educação Inclusiva de qualidade nas escolas do campo.

Para discussão da temática, são usados os seguintes teóricos: Caldart (2004), que questiona , o ensino precisa ser de qualidade, só poderá ser constituído se todas as pessoas que compõem o núcleo escolar possam contribuir junto com a escola e assumir juntos os desafios, e Caiado e Meletti (2011) que afirmam que, na insuficiência de políticas públicas para as pessoas que residem do campo, seja qual a situação, como a educação, saúde, transporte, moradia e trabalho, revelam-se o impedimento de pessoas com deficiência viverem com dignidade e participarem da vida social como moradores desta comunidade.

Assim, como o processo de inclusão de alunos com deficiência, nos espaços escolares, a valorização destes indivíduos também perpassa pelas mudanças dos modelos pedagógicos e metodológicos, de modo que seja assegurado o direito à aprendizagem, como salienta Ribeiro (2017):

Esse direito de estar incluído nas instituições educacionais e de aprender é assegurado pelo ordenamento jurídico brasileiro desde a Carta Magna até os documentos que compõem o ordenamento infraconstitucional. Tal direito está amparado também em acordos internacionais, a exemplo, das Declarações de Jomtien, 1990, e de Salamanca, 1994, além, da Convenção Internacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência de 2007, resultantes de

fóruns mundiais de discussão sobre essa temática, das quais o Brasil foi signatário (RIBEIRO, 2017, p.25).

Portanto, é necessário que essas práticas sejam de fato pedagógicas, ou seja, permeadas pelos processos formativos e expectativas desses professores, pelos espaços e tempos escolares e pela organização do trabalho pedagógico dessas escolas do campo (FRANCO, 2016) e não apenas se constituam como práticas docentes.

Buscamos compreender as percepções dos professores e professoras acerca do processo de inclusão de alunos com deficiência, identificar as dificuldades diárias que os professores se deparam em suas práticas, ao trabalhar com alunos com deficiência no contexto investigado e, por fim, analisar as condições de acessibilidade para esses alunos e a importância dos assentados e filhos de assentados terem acesso a uma educação de qualidade e conhecerem como foi o processo de ocupação deste Assentamento.

Assim, espera-se que este estudo possa contribuir para uma compreensão mais aprofundada sobre a inclusão de alunos com deficiência na Educação do Campo, além de possibilitar outras discussões acerca de entender sobre o processo de ocupação do Assentamento Bom Jesus, para que os filhos dos assentados e acampados possam ter como fonte de pesquisa para entender como se deu o processo de ocupação do Assentamento e como os professores se desafiam dentro da sala de aula em uma classe multisseriada.



## **2 METODOLOGIA**

Este capítulo, trata sobre a metodologia utilizada no presente trabalho, ao investigar, a partir das narrativas das professoras e dos assentados, as dificuldades existentes nos processos educacionais nas Escolas do Campo, decorrente da intensificação dos trabalhos pedagógicos dessas escolas com classes multisseriadas, e os processos de ocupação do Assentamento Bom Jesus, situado no município de Igrapiúna-Ba. O objeto de estudo em questão é a Escola Municipal Benito de Jesus Oliveira, com crianças do maternal ao 5º ano do ensino fundamental. A escolha se deu pelo motivo da localização da mesma, que está situada no Assentamento que faço parte da militância, local onde também habito.

Quando falamos da Educação no Campo, grandes dificuldades surgem, pois nem todos os professores querem trabalhar na zona rural, desta forma o Movimento dos Trabalhadores Rural sem Terra (MST) compreende que, é preciso aos nossos professores terem algum vínculo com o movimento, para que os filhos dos assentados/acampados possam ter uma educação de qualidade, que entenda os princípios do movimento, de forma que os recursos necessários possam ser usados, no intuito de fortalecer os processos financeiros da “*companheirada*”, seja aluno, professor ou profissionais da limpeza e alimentação, que são indicados para trabalhar nas escolas por iniciativa dos assentados, e deliberado em assembleias gerais para todos.

Assim, para o desenvolvimento da pesquisa científica, são necessários métodos que atendam diretamente o objetivo proposto aos educandos, professores e comunidades, para isso, são usados diversos procedimentos específicos, a fim de atender questionamentos distintos que surgem dentro da comunidade. Para sua execução, são analisados os métodos de pesquisa, o tipo de abordagem, e os instrumentos para a coleta e a análise de dados.

### **2.1 ABORDAGEM DE PESQUISA QUALITATIVA**

As abordagens de pesquisas qualitativas buscam compreender os fenômenos sociais a partir de sua explicação e motivos, portanto, adotam uma multiplicidade de métodos de investigação para os estudos de um fenômeno, situado no local em que ocorre, ou seja, buscam encontrar o sentido e objetivo desses fenômenos, bem como interpretar os significados que as pessoas dão a eles, deste modo, esta pesquisa é qualitativa porque objetiva compreender o processo de ocupação do Assentamento: Os desafios dos professores na educação inclusiva. Tendo em vista, os desafios encontrados dentro das salas com classes multisseriadas e alunos especiais, ocasionando algumas situações imediatas, às quais os

professores tendem a resolver, mesmo muitas delas não sendo de suas atribuições. Para Marconi e Lakatos (2003), a pesquisa qualitativa se constitui em um processo que envolve:

[...] Investigações de pesquisa empírica cujo objetivos e a formulação de questões, ou de um problema com tripla finalidade: desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com o ambiente, fato ou fenômeno, para a realização de uma pesquisa futura mais precisa ou modificar e clarificar conceitos [...] (MARCONI e LAKATOS, 2003, p. 188)

Para essa finalidade, a pesquisa qualitativa tem a necessidade de ser descritiva, e que as ações e argumentações no decorrer sejam materializadas, portanto, Godoi (1995, p. 58), afirma que este tipo de abordagem de pesquisa “envolve a obtenção de dados descritivos” sobre pessoas, lugares, e processos interativos, pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo, assim ao descrever como as escolas do campo lidam com a Educação Inclusiva, possibilitamos compreender e analisar implicações em seu meio escolar, desde as dificuldades dos profissionais, que fazem parte do trabalho pedagógico nas classes multisseriadas, até outras demandas pedagógicas que exigem dos professores trabalhar em suas residências, sem nenhuma remuneração prevista para esta prática extraescolar. Para isso, Gil (2008) assegura que:

As pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados. (GIL, 2008, p. 28)

Nesse sentido, a pesquisa também serve para o reconhecimento da pluralidade cultural que tem dentro do movimento, compartilhando saberes nas comunidades, o MST é um movimento que trabalha através da coletividade, proporcionando conhecimento e troca de informações, tendo em vista que isto contribui culturalmente nas valorizações dos costumes dos Assentamentos, justamente dentro da Educação do Campo, como instrumento de contribuição na formação dos alunos.

Portanto, realizar esta pesquisa, nesse Assentamento, é de suma importância para chamar a atenção de toda a comunidade/Assentamento para buscar entender os processos de ocupação deste Assentamento e os direitos necessários para que essas escolas do campo possa ser contemplada de maneira benéfica para todos, isto se torna complexo ao buscarmos compreender as percepções destes sujeitos, que podem entender juntos com

a comunidade como são o processo entre a construção do ensino e aprendizagem de modo geral. E também através dos relatos de vida dos assentados outras pessoas possam acessar esta pesquisa para compreender um pouco das histórias do Assentamento, como surgiu esse movimento e qual a relevância deste trabalho para os moradores. Sendo uma ferramenta de fundamental importância para contribuir com o acesso à informação dentro do próprio assentamento, servindo como fonte de pesquisa até para a escola do próprio Assentamento.

Desta forma, esta pesquisa, ao ter como base o conhecimento emergente dos povos assentados, com o delineamento da pesquisa qualitativa, objetiva investigar e compreender a subjetividade dos sujeitos com aproximação da realidade existente dos povos do campo, a partir do método (auto)biográfico, pois para esta investigação é utilizadas narrativas dos professores, que se desafiam na sala de aula com alunos especiais, trabalhando em classe multisseriada com o mínimo de recursos necessários, visando como o núcleo pedagógico e a comunidade pode contribuir para a melhora na Educação do Campo para dentro do Assentamento e de qual forma o apoio do núcleo escolar, junto com o poder público, podem contribuir para uma educação justa e igualitária na escola do assentamento.

## **2.2 TIPO DE PESQUISA**

Desse modo, esta pesquisa se depara nos princípios epistemológicos da pesquisa qualitativa, ao investigar os sujeitos nas relações sociais, assim, o uso da narrativa (auto)biográfica irá conduzir uma maior complexidade das experiências sociais e educativas do professor da escola do campo. De acordo com o que Passeggi, (2016) afirma:

Nesse sentido, convoca as complexas relações que o indivíduo estabelece com representações, crenças e valores que circulam em seu entorno, mediante uma infinidade de narrativas, que lhes são transmitidas e as que ele próprio elabora sobre o que acontece e o que lhe acontece (PASSEGGI; ET. AL., 2016. p. 114)

Assim, a pesquisa (auto)biográfica permite aos colaboradores da pesquisa, sendo estes os professores da escola do campo ou assentados, narrar e relatar os desafios encontrados dentro da sala de aula e como surgiu o processo de ocupação, bem como expor a própria rotina de trabalho.

Nessa linha, Delory-Momberger (2011, p. 342) reafirma que “nesse sentido, a biografia poderia ser definida como uma dimensão do agir humano que permite aos indivíduos, dentro das condições de suas inserções sócio históricas, integrar, estruturar, interpretar as situações e os acontecimentos vividos”.

Assim, a partir das narrativas apresentadas, o próprio colaborador da pesquisa tem a possibilidade de analisar diversas situações que podem contribuir para traçar características e sentimentos advindos da atuação da educação nas escolas do campo. Desse modo, Barbosa e Meireles (2021) afirmam que é possível que no ato de narrar, os professores criem horizontes em outras formas de desenvolverem a prática docente, e a partir disso, busquem um novo tempo para reivindicarem por melhores condições de trabalho.

Entendemos que nas escolas do campo o professor enfrenta grandes dificuldades dentro da sala de aula, sendo alguns destes desafios constantes, além de ensinar em sala multisseriada é sempre um único professor para todas as turmas. Tendo em vista que a comunidade e até mesmo os professores não sabem dos direitos que cada estudante tem.

Dessa forma, a escolha do objeto de estudo, para a coleta de dados nesta pesquisa, se volta para um olhar observador no espaço do Assentamento Bom Jesus, buscando analisar como se dá os processos da Educação do Campo desse Assentamento.

Para tanto, os professores enfrentam desafios constantemente dentro da sala de aula, e a comunidade sempre busca contribuir no desenvolvimento educacional dos estudantes assentados, buscando melhoria nas áreas internas e externas da escola, para que a Educação do Assentamento seja de qualidade e acessível, a escola sempre contribui coletivamente com a comunidade. Assim, as entrevistas serão um momento imprescindível para se atentar na organização, de modo que seja garantida aos colaboradores a confiança em poderem narrar e relatar suas histórias, bem como se atentar para fixar pontos chaves que estão associados às categorias e ao objeto da pesquisa. Por esse motivo, visa estabelecer a conexão com a realidade e o espaço, bem como, determinar quem serão os colaboradores da pesquisa.

No entanto, a construção para este modelo de pesquisa tem a necessidade de definir um ou mais tipos de fonte para a coleta de dados. Assim, a alternativa para esta pesquisa foi entrevistas narrativas dos professores e relatos de experiências de vida dos assentados mais velhos.

## **2.3 FONTES DE RECOLHAS DE DADOS**

Temos como fonte, para o levantamento de informações, os instrumentos da entrevista narrativa. Este será um momento em que os professores expressaram suas experiências e desafios dentro da sala de aula.

A entrevista narrativa é voltada para um modelo de entrevista (auto)biográfico, deste o professor, que será uma forma de investigação, análises e compreensões de pontos necessários, para o pesquisador, como também para a auto compreensão do próprio colaborador da pesquisa no momento da entrevista.

Deste ponto de vista, entende-se que a entrevista, ao fazer parte da pesquisa qualitativa, é um método de coleta de dados importante, pois tem como objetivo recolher informações subjetivas dos grupos estudados. Conforme Fraser e Gondim (2004) afirmam que:

A entrevista é considerada uma modalidade de interação entre duas ou mais pessoas. Trata-se de uma conversação dirigida a um propósito definido que não é a satisfação da conversação em si, pois esta última é mantida pelo próprio prazer de estabelecer contato sem ter o objetivo final de trocar informações, ou seja, diminuir as incertezas acerca do que o interlocutor diz. (FRASER; GONDIM; 2004, p. 139)

Deste modo, a pesquisa (auto)biográfica permite que os colabores da pesquisa, sendo estes professores da escola do campo, argumentar suas vivências durante o trabalho pedagógico dentro e fora do espaço escolar, bem como expor a própria rotina de trabalho durante o processo de permanência na escola, visando analisar suas experiências nas salas multisseriada nas escolas dos assentamentos.

As escolhas para a coleta de dados nesta pesquisa são os professores e assentados do Assentamento Bom Jesus, que destaca como funciona o ensino na escola do desse espaço e como surgiu o seu processo de ocupação.

## **2.4 CAMPO EMPÍRICO E COLABORADORES DA PESQUISA**

Esta pesquisa foi realizada na escola do campo do Assentamento Bom Jesus, no município de Igrapiúna-Ba. Em função do sigilo, os dados do campo não foram muitos detalhados, para resguardar a identidade dos entrevistados. Foi entrevistada uma professora do campo, que mora no Assentamento vizinho, e os assentados mais velho do Bom Jesus, a professora não quis ser identificada, já os assentados se identificaram. De forma geral, esta é

uma escola multisseriada, que atende os alunos de séries/anos distintos, moradores da comunidade.

Sobre os espaços da escola, esta possui uma única sala, o ensino nesta escola é voltado para a Educação Infantil e os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, as aulas ocorrem no período matutino, funciona apenas um turno por ter uma baixa quantidade de alunos. Os alunos desta escola são oriundos da classe popular e filhos de assentados e acampados do Bom Jesus, onde suas rendas advêm do trabalho do campo, com a produção de diversas plantações, principalmente o cacau e o guaraná, que são considerados as maiores fontes de renda dos assentados e acampados.

Para o campo de estudo, foi utilizado o relato de uma professora da escola do campo que atua em classe multisseriada onde são descritos os desafios dessa profissional ao ensinar alunos com necessidades especiais nessa mesma turma. Assim, é possível atender ao objeto de pesquisa que é investigar e compreender até que ponto a intensificação do trabalho nas escolas multisseriada no campo, são razões para o desafio das professoras nas práticas pedagógicas no Assentamento, que podem ser fatores que interferem na vida social e profissional.

Essa delimitação ocorre pelo motivo principal de pertencer à escola do Assentamento na qual sou moradora. Como fui professora na classe multisseriada, assim, lecionando, contribui com a educação nas duas escolas do Bom Jesus e Limoeiro por um período. Compreende-se que as narrativas da professora são de suma importância, ao entender e buscar futuras possibilidades para a organização de uma Educação de qualidade. Todavia, conhecer, antecipadamente, por meio da pesquisa, o papel do docente nas realidades da escola é uma forma de assegurar fundamentos concretos e práticos de como lidar com os desafios na escola do campo.

O MST vem sempre apoiando e defendendo que os nossos alunos precisam ser ensinados pelos nossos professores, que vem das lutas, junto com este movimento, mas o MST ainda não tem professores capacitados que possam contribuir na sala de aula com alunos que necessitam de cuidados especiais. Assim, conforme os critérios de ética da pesquisa, não foram informados os nomes reais dos colaboradores, apenas nomes fictícios que são base para a organização do estudo a campo.

Para tanto, esta escolha também se dá porque a professora, que será o lócus da pesquisa, possivelmente irá contribuir, através de suas narrativas, sobre sua experiência em relação ao trabalho pedagógico, bem como atender e fornecer dados sobre a intensificação do

trabalho na sala de aula, para alcançar os dados sobre se são levados em consideração ou não os desafios dos professores para uma Educação Inclusiva.

Resumidamente, a princípio, nesta pesquisa qualitativa foi preciso escolher um momento para apresentar a proposta de pesquisa, em seguida pedir permissão para acompanhar um dia de trabalho. Assim, foi possível estabelecer o primeiro passo, que é se aproximar da escola, mesmo tendo conhecimento de todos os alunos e das práticas da professora, a fim de conhecer detalhes da realidade vivenciada pelos mesmos. Em outro momento, foi proposta à colaboradora, uma entrevista narrativa em um espaço adequado, fora do ambiente de trabalho, pois estes podem interferir no processo da coleta de dados e, conseqüentemente, nas questões analisadas, já os assentados relataram nas suas próprias residências.

### **3 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO DO ASSENTAMENTO BOM JESUS**

Os processos da educação do Assentamento Bom Jesus nunca foram fáceis, desde o início lutamos e resistimos todos os dias por uma escola melhor, em 2004 os acampados, assim que chegaram ao acampamento, fizeram, logo em seguida, um barracão de *pau-a-pique* coberto de lona, o professor era um acampado que nem sequer tinha terminado o Ensino Médio, mas tinha um bom conhecimento com a leitura. Para não ficarmos sem aula resolveram colocá-lo para contribuir como voluntário, logo nos primeiros dias, não havia nenhuma estrutura mínima para contribuir nas atividades como: cadeira, mesa, livros, lápis e lanches. As cadeiras eram bancos de madeira que os acampados doaram, em relação ao lanche, cada um ia a suas casas, pois a escola era no meio da vila e geralmente íamos aos quintais colher frutas. Lembro-me, que o nosso lanche era predominantemente goiaba, até porque, naquela época, ainda não havia nada plantado, além dos pés de cacaos nas fazendas, naquela época as famílias ainda não tinham renda.

Algumas semanas depois, chegou um companheiro, de um outro Assentamento para dar aula, ele já havia terminado o Ensino Médio, e a escola já tinha alguns materiais, esse professor ficou por volta de um ano conosco dando aula. Logo em seguida chegou uma professora que contribuiu por dois anos, com a saída dela os assentados mudaram a escola para uma casa que estava vazia na fazenda, como tinha poucas cadeiras os bancos improvisados ainda permaneciam. Nesta época, já em 2007, com a escola em outra casa da fazenda, havia dois quartos e uma cozinha, que a Prefeitura quebrou as paredes internas e colocou os estudantes, já nessa escola tínhamos algumas cadeiras usadas das outras escolas, quadro de giz, lanche, e material escolar. Ficamos nessa casa, que foi reformada para ser a escola, por 13 anos, quando, em 2020, o Assentamento foi contemplado com uma escola com uma sala grande para a quantidade de alunos que nós temos hoje, dois banheiros, uma secretária e uma cozinha.

Entretanto, o Assentamento hoje se encontra com poucas crianças, a Secretaria de Educação vem lutando para fechar a escola, desde o ano de 2022 lutamos e resistimos para que a Escola Municipal Beniton de Jesus Oliveira não fechasse, os companheiros lutam constantemente para conseguir manter a escola funcionando. Logo de início eles não aceitaram que a escola continuasse funcionando, fizemos uma reunião com todos os sócios para ir até a prefeitura conversar com o Prefeito e a Secretaria de Educação para não fechar a escola do Assentamento, eles pediram um prazo de uma semana para averiguar a situação,



caso eles não resolvessem, os assentados, juntos com o Núcleo da Brigada Costa do Dendê e os dirigentes de brigada, iriam ocupar a Prefeitura, como fizemos em outros espaços, ocupar o que é nosso. Porém, depois resolvemos fazer outra reunião com os pais, e foi deliberado nessa reunião que eu fizesse esse trabalho voluntário na escola para a comunidade, começamos a trabalhar só com o básico, a escola não tinha material suficiente, o lanche as crianças traziam de casa, e alguns meses depois fui contratada para continuar trabalhando na escola pela Prefeitura, fiquei por seis meses na escola, contudo, no segundo semestre, tive que sair por ter ingressado da Universidade, e hoje a escola está funcionando normalmente, com uma professora do Assentamento vizinho, Limoeiro.

### 3.1 ANÁLISES DE DADOS

A intensificação do trabalho da professora na classe multisseriada da escola do campo do Assentamento Bom Jesus é algo comum, ao ser levada em consideração suas especificidades e o contexto de realidade escolar na qual a professora está inserida, o que não pode passar despercebido. Esses fatores podem provocar diversas situações que afetam o trabalho desenvolvido na escola, acarretando emocionalmente no professor sua percepção social acerca de seu trabalho. De forma sistemática Conselho e Santos (2021) afirma que:

Compreende-se que a multisseriação é uma forma de organização escolar que emergiu nos primórdios do período Colonial e que perdura até a contemporaneidade. Um contexto fortemente marcado pela heterogeneidade que tem sido responsável pela iniciação escolar dos sujeitos camponeses. Apesar da sua relevância, evidencia-se que a escola de turmas multisseriadas tem sido marcada historicamente pelo silenciamento, ausência de políticas públicas, pelo descaso, pela precarização do trabalho docente, acarretando nos últimos tempos em uma massiva política de extinção, consequentemente em uma representação negativa de turmas que possuem esse tipo de configuração. (CONSELHO; SANTOS, 2021, p. 110)

Por meio de observações importantes e que devem ser questionadas, já que o campo é um espaço essencial para este país, o desenvolvimento do campo deve começar por meio da escola, e uma escola que de fato, seja adequada e específica para atender intrinsecamente as famílias camponesas. Entretanto, Nunes e Santos (2021), infelizmente, também enfatizam que as escolas têm despertado pouco interesse por parte do Estado, sabemos que o campo tem um significado importantíssimo na construção do ser humano seja, na Educação, Política, Alimentação, entre outros, o Movimento Social sem Terra tem uma frase que fala o seguinte: *“Se o campo não planta a cidade não janta, se o campo não roça a cidade não almoça”*.

Entendemos que o campo poderia ser mais valorizado em todos os aspectos, mas todos nós sabemos que não é assim, que ainda somos visto como marginalizado pela sociedade, e na Educação não é diferente, a Educação ainda é precária os povos do campo não são contemplado como merecem, mesmo sabendo que a cidade é beneficiada em alguns aspectos pelos agricultores.

Assim, de modo geral, além das especificidades escolares na classe multisseriada, que deveria ser observada e apoiada pelo Estado, como o povo da zona urbana são a falta desse olhar sensível, de igualdade de ensino perante as suas especificidades, as dualidades de acesso e permanência por parte dos alunos e professores, sugerem que são sinônimos para a desigualdade na sociedade, tendo em vista que, a mesma é composta pelo campo e pela cidade, assim devem ser atendidas de acordo a sua realidade.

Por isso, esta pesquisa tem o propósito de compreender como a professora lida com o ensino e aprendizagem com classe multisseriada e a educação inclusiva, e como é o funcionamento da escola a partir das narrativas da professora, tendo a perspectiva de compreender os desafios enfrentados dentro da sala de aula e os sentimentos gerados pela mesma em face do seu exercício docente.

Assim, primeiramente iniciamos o capítulo conhecendo a colaboradora da pesquisa, que foi uma professora que trabalha em escola multisseriada no Assentamento, considerando que, para a sua identificação, a mesma optou por usar nome fictício em suas narrativas: “Eu tenho 35 anos [...] fiz Pedagogia, pelo instituto educacional FAZAG em Valença-Ba, concluir em 2021. (Entrevista, Joana, 2023)”. Observa-se que a professora é graduada em Licenciatura em Pedagogia, assim faz com que seja possível contribuir no processo da gestão da escola na Educação do Campo. Deste modo, podemos analisar que a escola precisa de uma auxiliar de sala, para que, com repetíveis conhecimentos, possa auxiliar no desenvolvimento do trabalho e na aprendizagem com as crianças nas suas especificidades, mesmo estando numa realidade de classe multisseriada.

É importante conhecer a construção dos sujeitos no campo, pois sua relação social com as experiências pode influenciar na formação indetitária e profissional. Diante disso, a visão que Orrico e Souza (2021) é que:

Na dinâmica de produção da vida nas áreas rurais, evidencia-se um quadro de vivências cotidianas marcadas pela resistência e persistência na tentativa de driblar os efeitos das desigualdades sociais que afetam diretamente as condições de existências desses locais. (ORRICO; SOUZA, 2021, p. 199)

Assim, a narrativa compartilhada inicialmente pela professora foi a respeito de como os professores lidam com a educação inclusiva no Assentamento:

“[...] Assim nós das classes multisseriada da escola do campo na verdade, a gente ainda não está preparada para esse desafio, sabe?!, É muito desafio, é muita demanda que aparece na sala de aula com os alunos da educação inclusiva... Nós não estamos preparados para isso, entendeu? E a turma também não contribui porque às vezes só temos um aluno só com essa dificuldade e às vezes nem laudo nós não temos com essa situação a gente não sabe lidar. (Entrevista, Joana, 2023)

De modo geral, as vivências e dificuldades no campo estão muito atravessadas e constantes na vida dos professores, isso significa que a realidade vivenciada no campo marca a vida dos sujeitos mesmo elas morando dentro do Assentamento, a realidade do contexto não se desvincula da construção social.

Tendo como exemplo, Joana reflete que ao residir no Assentamento, mesmo sendo professora, o sujeito não deixa de fazer parte da agricultura. Por outro lado, a entrevistada Joana abordou sucintamente sua vida no campo de tal forma que se reconhece no campo: “sempre morei no campo” (Joana,2023), e como é o campo a partir das experiências profissionais de trabalho na escola, para ela o campo significava não só um lugar, mas um espaço de conhecimento fora e dentro da escola.

Ela fala que foram dias sofridos a demanda era muito grande e ainda participava das formações do movimento, reuniões e viagens.

Para mais, outro fator que perpassa os sujeitos do campo é a transição de ensino, a saída do campo para a cidade, as dificuldades no percurso apresentado por Joana, condizem com a realidade existente ainda em muitos lugares, tendo em vista a distância, a precariedade de transporte escolar ou impróprio e a maternidade. Diante disso, Nunes e Santos (2021, p. 220) afirmam que “essa passagem vem carregada de ritos e rituais que impactam no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes, bem como sua formação indentitária, tornando-se um processo doloroso e angustiante, que deixa marcas evidentes da passagem”. Dessa forma, as adversidades enfrentadas no trajeto do campo para a cidade muitas das vezes podem ser fatores que podem influenciar para a evasão escolar.

A trajetória da formação da professora é um processo que perpassa a vida de muitos profissionais que hoje atuam, são situações e dificuldades que para uns marcaram mais que outros. Assim a escolha do curso é o que demarca o comprometimento para o acesso,

permanência e conclusão. Dessa maneira, como bem demarca Nóvoa (1992, p. 38) ao afirmar que “o desenvolvimento de uma carreira é, assim, um processo e não uma série de acontecimentos. Para alguns, este processo pode parecer linear, mas, para outros, a patamares, regressões, Beco Sem Saída, momento de arranque, descontinuidades.” Para mais, Santos (2021) enfatiza que:

A formação de professores, tanto do campo quanto da cidade, configura-se como um dos desafios a serem superados no que diz respeito às políticas educacionais. Entretanto, essa situação tem se apresentado de forma mais emergencial no campo, devido à precarização das condições objetivas de trabalho e da desvalorização salarial e social de sua atividade. (SANTOS, 2021, p. 166)

Ainda mais a depender da realidade imposta, principalmente às pessoas que são do campo, esse processo de escolha e de formação se torna muito mais difícil, mesmo sendo oportunidades, também vem acompanhado de diversos desafios. Dessa maneira, a professora fala quais os desafios enfrentados dentro da sala de aula na educação inclusiva:

“Sou desafiada todos os dias, até porque para quem trabalha em uma turma multisseriada na escola do campo é um desafio muito grande, nem todos os professores querem vim para a zona rural devido esses constantes desafios, aqui temos alunos com vários tipos de dificuldades, mas nós do campo temos problemas porque os alunos não são diagnosticados, mas sabemos os graus de dificuldades de cada um, mesmo assim trabalho com meus alunos de uma melhor forma, tento incluir eles em todas as atividades desenvolvidas. Eu gosto de trabalhar no campo porque a comunidade/Assentamento sempre quando preciso está a disposição para contribuir, essa é a vontade, e até porque todo mundo conhece todo mundo.” (ENTREVISTA, JOANA, 2023)

Nesse sentido, para Joana, o processo de formação também não foi fácil, pois tinha que sair às 17h40min, depois que o marido voltava do trabalho saia os dois para a sede da cidade cursar a graduação na época era todas as terça feiras chegava em casa às 22h30min, deixava as crianças com a avó.

“Para fazer os trabalhos era difícil, por não ter internet, a comunicação imediata era difícil, eram formados grupos de estudos, eu e meu marido saíamos para a cidade porque a internet era horrível, e os outros não vinham para roça fazer atividade, já que a maioria era da cidade, alguns anos depois conseguiram colocar internet na casa.” (ENTREVISTA, JOANA, 2023) .

Entretanto, acredito que a internet na casa dela facilitou para desenvolverem o Trabalho de Conclusão de Curso.

Para mais, como foi anunciada anteriormente, para os sujeitos do campo, a escolha da carreira é tomada por necessidades, como moro no campo e no assentamento optei por fazer o curso para da aula no assentamento e comunidades vizinhas, desse modo, via a necessidade de

ter professores do nosso povo da luta camponesa dando aula para os nossos filhos. Bem como salienta Rebolo (2012) ao afirmar que:

O processo de ajustamentos e adaptações, apreendido a partir de uma análise que contemple as ações do sujeito como atos desencadeados por necessidades específicas e que culminam com a realização de uma finalidade, traduz os modos singulares de enfrentamento das situações da vida. (REBOLO, p. 120. 2012)

Por outro lado, ela, a entrevistada Joana, enfatiza que o MST tem uma grande contribuição na sua formação como professora, além das formações já contribuiu dando aula dentro do próprio Assentamento Limoeiro por alguns anos, e esse ano está ensinando no Bom Jesus. O Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra, o MST, vem trazendo muitas contribuições em formações e encontros de professores todos os anos, e isso nos ajuda na qualificação dos conhecimentos. Ela ainda afirma que este movimento contribui muito para a sua formação, sabemos que o MST é um movimento gigante, mas, ainda deixa a desejar na formação de educadores, na linha da educação inclusiva existem dentro do movimento muito professores e técnicos perceberam que no geral precisamos ter um olhar sensível para essa atuação, ter como base estratégias para que esse movimento forneça curso para essa área, o MST é um movimento vasto, dentro dele já existem vários profissionais, como, professores de Exatas e Humana, Técnicos em Guia de Turismo, Recurso Pesqueiro, Meio Ambiente, Agronomia, Medicina e Agroecologia. Podemos perceber que curso voltado para Educação Especial não tem até então, nesse sentido percebemos a falta de conhecimento ou até mesmo uma marginalização de investir na educação inclusiva.

Outro ponto demarcado na entrevista narrativa é a falta das políticas públicas para investimentos na Educação, porque todos sabem que os alunos com necessidades especiais têm todos os direitos como cota na lei 13.146, quem sai prejudicado são os alunos por não serem contemplado com uma Educação de qualidade e o professor ainda fica visto pela sociedade como um péssimo profissional, HAGE enfatiza que:

Numa situação, em que o professor se vê obrigado a desenvolver a docência em uma turma com várias séries ao mesmo tempo, conta muito significativamente a experiência de docência acumulada ao longo de sua vida, como também, em grande medida, a estabilidade no emprego. ( HAGE. 02, 2008)

Mediante isso, o tempo é o principal formador para os professores, principalmente nas classes multisseriada, pois possuem especificidades próprias, assim esses profissionais tentam contribuir de melhor forma para que os alunos possam alcançar seus objetivos e metas, mesmo sabendo que não é fácil lidar com alunos especiais sem um profissional para acompanhar na sala, assim, a professora Joana narra que:

Quem é professor de uma sala multisseriada sabe que não é fácil lidar com essas situações? As dificuldades que nós encontramos com alunos com essas necessidades, quer dizer, a gente tenta passar o melhor. Mesmo sabendo que às vezes não damos conta, aqui nós temos alunos com déficit de aprendizagem, nossos alunos, a maioria da sala, é o déficit de atenção e hiperativo. [...] Então nós, junto com a família, tentamos aproximar a família com a escola... Mas na escola utilizamos metodologia com jogos brincadeiras para ver se eles interagem no meio da gente, entendeu? Aí mas assim com esse grau de aprendizagem a gente trabalha alguma metodologia para que eles possam juntos aprender [...] Eu tento dar o meu melhor na sala de aula, porque estamos aqui pra isso, quando percebo que a sala já está no limite tento fazer uma dinâmica, brincar e fazer com que as brincadeiras chamem atenção deles. Como eles já me conhecem, aí já tenho uma vantagem (risos). (Entrevista, Joana, 2023)

Diante disso, ela continua afirmando que a principal função que executa além da docência é o papel do cuidar. Para ela é complicado lidar por não ser especializada e pela falta de apoio da gestão escolar, assim, ela tem que fazer o possível para lecionar para todos, e ao mesmo tempo ir fazendo o papel que seria de um Profissional da área determinada. Como, embora a professora retrate isso, mesmo não sendo da área, trabalhar com alunos com algumas necessidades especiais numa classe multisseriada é mais complicado, mas não é impossível, tendo em vista que as leis garantem aos alunos especiais o direito de ter o acesso e a inclusão nas atividades propostas, mas isso não depende só do professor, e sim de toda a comunidade escolar, principalmente a gestão que deve dar apoio às demandas do professor para que execute um bom trabalho e uma boa aprendizagem para todos os alunos independente das suas especificidades.

As narrativas apresentadas pela Joana demonstram que a mesma está muito sobrecarregada mesmo tendo só 09 alunos no momento, o que não deixa de ser uma grande demanda, pois na sua narrativa fica explícito que a mesma tenta resolver algumas funções que não são necessariamente suas, pois são diversas tarefas além do exercício da docência, ela ainda relata que passar as atividades todos os dias para levar para casa, e tem alunos que voltam sem fazer, no final das contas os pais ainda nos julgam se os filhos não estão se desenvolvendo na escola, sabemos que a escola tem o papel de contribuir na educação e nos

processos de formação, mas a escola e a família precisam andar juntas e muitas das vezes ainda somos criticada.

A escola e a comunidade podem contribuir sim, ajudando a correr atrás, e também ajudar a escola a ir até os órgãos públicos para que eles possam realmente oferecer uma condição especial para essas crianças dentro da sala de aula e que eles possam organizar a estrutura do colégio e fazer a formação com os professores para aquela determinada função. Atender essas crianças especiais agora às políticas públicas porque pode ajudar nesse contexto. Sim, ela pode também ajudar as comunidades, as escolas e até a secretaria buscar o Poder Público para poder trazer, mas realmente são poucos que estão disponíveis a contribuir. Eu acho que as políticas públicas sobre esse assunto aqui na região da gente mesmo nas escolas de Igrapiúna ainda é muito fraca e ainda não está muito conforme a necessidade. (Entrevista, Joana, 2023)

Ao conhecer a realidade de aprendizagem dos alunos, a professora Joana se utiliza de uma metodologia própria para organizar a classe multisseriada de acordo com os níveis de aprendizagem. Acredita-se que, dessa forma, facilita a introdução de conteúdos, e as atividades são realizadas de acordo com a dificuldade de aprendizagem. Essa estratégia utilizada por ela, também é tratada por Santos e Moura (2021) que é a prática de agrupamento por níveis de aprendizagem, pois é uma organização recorrente no desenvolvimento de atividades.

Existe uma preocupação da professora Joana para que o aluno alcance o grau de aprendizagem de modo desejado, de modo que alfabetize e prepare o aluno para o próximo nível de desenvolvimento educacional.

Joana relata a conciliação da prática com o preenchimento de relatórios e construção do plano de aula, que acaba fazendo em sua residência e acarretando assim, a intensificação de trabalho, Sousa e De Pinho (2017) afirmam que:

As/os professoras/es, de modo geral, reconhecem a especificidade da realidade das escolas em que atuam, com crianças que apresentam diferentes idades, estilos e temporalidades de aprendizagem, além de outras diferenças, que impactam, diretamente, nas suas formas de produção do conhecimento na escola. (SOUSA; DE PINHO. p. 10, 2017)

De modo geral, a relação da comunidade, família, e Secretária de Educação é muito importante para o desenvolvimento do trabalho do professor. A prática dos professores é muito necessário para o desenvolvimento de aprendizagem dos alunos, sobre isso, Santos e Moura(2021) argumentam que:

A prática do professor é muito importante para o processo de ensino-aprendizagem, por isso é necessário que ele tenha um posicionamento crítico e reflexivo, e esteja aberto a novas descobertas, a novas construções para que de fato possa realizar um bom trabalho. Não podemos esquecer que para que o professor possa desenvolver um bom trabalho pedagógico, além de condições de trabalho de qualidade, é necessário um suporte pedagógico de qualidade também, ou seja, é necessário um trabalho em equipe fortalecido com as demais instâncias responsáveis. ( SANTOS; MOURA; p. 59, 2021)

Logo, se afirma que o professor não pode exercer seu trabalho sozinho, pois são diversas funções que perpassam no chão da escola, os desafios dos professores frente a isso, por mais que exista, é preciso muita luta para não desistir, os desafios são constantes nessas escolas do campo. Todos sabem que uma escola da zona rural não é contemplada como da zona urbana, principalmente quando falamos das escolas dos movimentos sociais, os Movimentos dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) ainda é vista como invasores.



#### 4 PROCESSO DE OCUPAÇÃO DO ASSENTAMENTO BOM JESUS

O processo de ocupação do Assentamento Bom Jesus iniciou-se quando fizeram a ocupação no Limoeiro, e logo em seguida, pensaram em ocupar o Bom Jesus, que, naquela época, se chamava “*Manjerona*”, e assim fizeram os companheiros que estava à frente da direção naquele ano, João Camamu, Milton e Adeilton. Naquela época, a “*Manjerona*” se mostrou uma terra produtiva, composta majoritariamente por uma mata virgem. O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), não nos desapropriou, visto que tinha uma porção de mata muito grande, porém o fazendeiro Fran, dono da fazenda, tinha interesse de negociar as terras. No entanto, o MST optou por tirar o povo da fazenda, o que resultou na ação em que o fazendeiro e seu filho, desmataram grande parte do local. Com esse processo devastador, fizeram roças de guaraná e começaram a extrair madeira.

Diante disso, o povo que estava acampado na fazenda, ocupou outra fazenda, a “*Camocim*”, no município de Igrapiúna, contudo, logo após a ocupação, a fazenda “*Camocim*” foi solicitada para uma vistoria, e para isso acontecer era necessário tirar o povo de lá. Diante à solicitação do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), os acampados precisaram sair, e montaram acampamento na “*Limeira*”, também localizado no município de Igrapiúna. Durante o processo da vistoria, foi rearticulada a ideia de reocupar a fazenda “*Manjerona*”, e, no início de janeiro de 2004, dois anos após essa ocupação, obtivemos a imissão de posse da “*Manjerona*”, época em que Ana Rita, Dirigente da Brigada Costa do Dendê e Fulgêncio, o Dirigente Regional, estavam à frente, juntamente com outros companheiros como Milton, Lurdes entres outros. Quando foram para a “*Manjerona*”, havia mais de trinta pessoas para dar apoio no processo de ocupação, com o passar do tempo o pessoal foi retornando para o acampamento “*Camocim*” na expectativa de sair à imissão de posse da mesma, já outros permaneceram na fazenda, que hoje é o Assentamento Bom Jesus.

“Esses processos de ocupação, de início passaram por muitos perrengues, o financeiro não era dos melhores não tinha uma força produtiva individual, as casas eram todas de lona, com o passar dos tempos alguns conseguiram construir casa de tábuas, não tinha energia elétrica naquela época, o acesso às estradas era horrível, só tinha um carro, do tipo “caminhão”, para levar o povo para a cidade, saía às 6h e chegavam às 16h. Já em 2004 quando saiu à medição de posse foi o momento de cada companheiro ter seu pedaço de terra para cultivar, surgiu a necessidade da divisão das roças de cacau. Durante anos de luta e resistência o Assentamento foi contemplado com o projeto das casas em 2009, naquela época o projeto veio para 21 famílias assentadas.” (Relato Francisco Tadeu, 2023).

## **4.1 LUTA E RESISTÊNCIA DOS ACAMPADOS DENTRO DO PROCESSO DE ACAMPAMENTO**

### **Relatos de alguns companheiros.**

“Me chamo Maria Domingas, tenho 56 anos, estou aqui desde o início da ocupação, cheguei aqui no dia 24 de janeiro de 2004 e estou aqui até hoje, eram tempos difíceis. Quando viemos para cá, foi dificuldade de tudo que a gente passou, por debaixo da lona preta, e era aquela dificuldade tanto na situação financeira como na moradia, porque quando chovia molhava tudo.” (Relato Maria Domingas, 2023).

Deste modo, Dona Domingas fala das dificuldades encontradas durante os anos de ocupação dentro do acampamento, sendo que, o que mais a preocupava de início, era alimentar seus filhos.

Assim, Fernandes (2001) reafirma que a análise aqui efetuada fez emergir como um processo:

[...] a começar pela alimentação e a preocupação de ter escola para as crianças, para os jovens e os adultos. Criam comissões de negociação para acompanhar o andamento do problema junto às instituições e informar a sociedade sobre seus atos. Núcleos e coordenações para manter o acampamento informado e organizado; setores de educação e saúde entre outros. No MST, esses trabalhos são realizados por diversos setores, tendo o setor de Frente de Massa como o responsável pelo trabalho de base e desenvolvimento das ações. Os trabalhadores sem-terra são os principais sujeitos desse processo. (FERNANDES, 2001).

Em um contexto brasileiro, as ocupações de terras devolutas, ou até públicas, prevalecem como forma considerável de acesso a terra, mostrando as complexidades e diversidades dessas práticas no contexto agrário brasileiro, os acampamentos como espaços de lutas e resistência, nesse caso ao ser acampado, o indivíduo é considerado como sem terra, retratando uma certa condição momentânea, na qual os indivíduos vão buscar transformar essa realidade. A decisão de habitar é guiada por desejos e interesses voltados para a conquista da terra, visando, eventualmente, a condição de assentado. Assim, ser acampado é aspirar o Assentamento.

A ocupação como forma de acesso à terra, de Bernardo Mançano Fernandes, irá trazer discussões acerca das questões de ocupar as terras para luta popular, mostrando seu papel na recriação do campesinato, no deslocamento das pessoas que trabalham no rural e na pressão por políticas voltadas à importância da comunidade rural. Também menciona a resistência do governo federal a essas ações e a importância da reforma agrária na compreensão da questão da agricultura aqui no Brasil.

O texto indica que, apesar das afirmações do governo federal sobre ter reassentado um grande número de famílias, essa realidade se deve, em grande parte, às pressões causadas pelas ocupações de terras, em diversas regiões do Brasil, incluindo Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul, o texto destaca uma dinâmica complexa em que as ações governamentais e as mudanças socioeconômicas, como o desemprego estrutural e as políticas neoliberais, levaram ao aumento da ocupação de terras, envolvendo não apenas trabalhadores rurais, mas também moradores urbanos desempregados em busca de oportunidades em Assentamentos rurais, dessa forma, o companheiro Manoel relata que:

“Sou residente do Assentamento Bom Jesus há 19 anos, quando eu entrei no movimento a regra era diferente do que é hoje, hoje tem algumas coisas que não está mais como era antes [...] dentro das áreas de reforma agrária não quebrou a regra do movimento interno e a gente está tentando recuperar aquilo que era antes, estamos chegando ao patamar o que era antes na área da reforma agrária na questão do respeito, tem companheiro que não quer respeitar o outro, quando chamamos para resolver fica naquela questão né?! Não sei se é o movimento interno do MST ou se é externo, mas está controlado nessa parte [...] no processo de ocupação o povo era mais unido hoje os companheiros está mais individualista.” (RELATO MANOEL, 2023).

Podemos perceber, com o relato do companheiro Manoel, que na época das ocupações, mesmo com algumas dificuldades dentro do acampamento, a vivência e a união eram bem melhores do que nos dias atuais, e cada dia que passa as coisas têm ficado pior, os companheiros não se somam, como antigamente, mas mesmo com todas essas dificuldades e individualismo, ainda existem companheiros que acreditam na coletividade e sempre vêm contribuindo com o coletivo.

Muito embora Fernandes (2001), afirme que na maioria das vezes, as organizações tentaram interferir nas decisões dos trabalhadores, não distinguindo as suas respectivas demandas. Isso aconteceu, por exemplo, quando pretenderam coordenar as lutas, tentando representar os trabalhadores, defendendo que o MST devesse apenas apoiar os sem-terra, quando na verdade os sem-terra são e fazem o Movimento.

Outro fragmento do relato de Maria Domingas:

“[...] O movimento, tem umas parte boa, a escola, os conhecimentos, as produções [...] hoje o Assentamento está perdendo mais a habilidade , porque não está sendo mais aquele movimento que era através de muitas coisas, quando falava que era isso era isso mesmo, mas hoje a maioria do pessoal dentro do Assentamento, quer ser todo mundo individual, não tem mais aquele vínculo um com o outro, antes quando batia na lata estava todo mundo dentro, hoje até um café que faz dentro do Assentamento não aparece ninguém.” (RELATO MARIA DOMINGAS, 2023).

Percebemos que os dois assentados, Manoel e Domingas, relatam como era no tempo de acampamento, mesmo com as coisas sendo mais difíceis do que é hoje, os companheiros eram mais unidos, se organizavam melhor, tendo em vista que as falas são quase precedidas e podemos visualizar a angústia do individualismo que o Assentamento está enfrentando. Se naquele período, que todos moravam nos barracos de lona preta e não tinham renda financeira, os companheiros era um coletivo dentro e fora do Assentamento, hoje percebemos uma divisão por grupos, e isso torna as coisas mais difíceis, mas nada que um trabalho de base não resolva, como ouvimos em um dos relatos “estamos tentando voltar o que era antes”.

Em uma entrevista de campo, fiz a seguinte pergunta para o companheiro Tadeu: Quais foram as mudanças que ocorreram do tempo de acampamento para os dias atuais, que o fizeram melhor em alguns aspectos?

“[...] É minha querida, as mudanças são grandes, porque os acampamentos você sabe, que é um barraco de lona, é um encostado no outro que aquilo aglomeravam você ouvia e vivia a vida de todos pois as casas são encostadas nas outras. Você não tem certa liberdade, você não tem uma privacidade, você não tem de onde tirar o sustento. É totalmente diferente, no Assentamento você já vai ter acesso daquela área. Você tem uma privacidade, você tem uma casa própria, você sai do barraco de lona, você tem uma produção [...] então, as mudanças são em todos os aspectos, o acampamento é tipo uma escola.” (RELATO, FRANCISCO TADEU, 2023)

Dessa forma, os acampamentos, frequentemente, têm escolas, ou seja, barracos de lona em que funcionam salas de aula, principalmente as quatro primeiras séries do ensino fundamental. Quando próximos de assentamentos, os acampados trabalham nos lotes dos assentados e comunidades vizinhas, como diaristas ou em diferentes formas, já a Revista Sem Terra (1999) afirma que o acampamento é lugar de mobilização constante. Além de espaço de luta e resistência é também espaço interativo e espaço comunicativo.

Outra companheira assim relata:

“Sou Jucineide Conceição da Silva tenho 42 anos, sou uma das moradoras mais velhas do assentamento, quando eu cheguei aqui no acampamento as dificuldades eram grandes, eu morava em um barraco de lona, no tempo de chuva molhava, na maiorias das vezes levantavamos tarde da noite toda molhada, as coisinhas molhada, tudo! [...] Na época de acampamento nós tínhamos bastante dificuldades, mas era melhor do que agora porque nós éramos mais unidos, hoje fazemos um evento dentro do Assentamento quase ninguém aparece, quando aparece é só a minoria, e assim, estamos perdendo muita coisa dentro do Assentamento, perdendo nossa Cultura, tem coisa que eu sinto uma grande falta da época de acampamento essa questão da união mesmo, e agora nos tempo de Assentamento está sendo melhor em algumas partes, porque cada um já tem sua roça, colhe, cuida e faz o que quiser com o dinheiro da renda, então é melhor por essa questão, nossa renda melhorou bastante [...] Mas precisamos voltar a ser unidos como éramos na época de acampamento” (RELATO, JUCINEIDE, 2023).

O que os companheiros trazem, são as relações com a vivência demarcada dentro do Assentamento, percebemos que nos relatos as falas são todas parecidas de modo geral, os esforços e a resistência são constantes dentro da área da reforma agrária como salienta Fernandes (2001). A ocupação é, então, parte de um movimento de resistência a esses processos, na defesa dos interesses dos trabalhadores, que é a desapropriação do latifúndio, o Assentamento das famílias, a produção e reprodução do trabalho familiar, a cooperação, a criação de políticas agrícolas voltadas para o desenvolvimento da agricultura camponesa, a geração de políticas públicas destinadas aos direitos básicos da cidadania.

#### **4.2 A QUESTÃO FINANCEIRA DESSES COMPANHEIROS NAQUELA ÉPOCA**

Jucineide compartilha conosco a seguinte experiência:

“[...] A gente trabalhava no coletivo, tinha a produção de cacau só que, a gente colhia todo mundo junto e dividia, a direção que dividia, aí tinha mês que cabia para cada um R\$: 18,00, para se manter, às vezes eu precisava ir trabalhar sempre, eu ia trabalhar em algumas comunidades vizinhas naquela época, a diária saia no valor, mais o menos, de 10 a 12 reais, quando conseguia o trabalho, eu e mais alguns companheiros, a gente ia pela manhã e voltava a tarde, ganhar uma diária, para então nos alimentar. Foram anos nessa vida muito difícil, mas graças a Deus nós superamos, né?!, A gente não tinha salário, então a gente tinha que trabalhar e ganhar diária para comprar algumas coisa e alimentação para gente, de vez em quando a gente ganhava algumas cestas básicas para dividir para todos, geralmente vinha, feijão, arroz, açúcar café, essas coisas, mas o restante das coisas a gente também tinha que se virar, naquela época eu tinha dois filhos.” (RELATO DE JUCINEIDE, 2023).

Entendemos que a companheira, assim como os outros, passaram grandes dificuldades para sustentar seus filhos, ela deixa bem claro que trabalhava para ganhar de 10 a 12 reais ao dia, trabalhava o dia inteiro, e quando não levava as crianças, deixava com a vó em outra comunidade. Já Dona Domingas, relata que:

“Na situação financeira a gente passou uma dificuldade danada de fome, aí era comendo o que arrumava. Pescava, cortava palmito, e aí arranjava uma coisinha daqui uma coisinha dali para poder comer, porque a gente não tinha salário, não tinha nada, tinha o cacau, mas não era da gente, a gente, raspava mandioca para ganhar farinha para poder comer, e foi muito difícil, eu tinha seis filhos que moravam comigo naquela época Ronaldo, Taísa, Itamiles, Valtemir, Valter e Edilene os outros não moram mais comigo.” (RELATO DE MARIA DOMINGAS, 2023).

Percebemos que os dois relatos são similares, e pela histórias de vida, dessas companheiras, não foram fáceis os processos de acampamento até chegar onde chegaram, todas as duas tinham filhos que precisavam se alimentar, então elas faziam de tudo para conseguir colocar comida na mesa. No relato de Jucineide, ela deixa bem explícito que tinha

noites, quando acordava, que estava toda molhada, por que os barracos eram de lonas e muitas das vezes a lona não aguentava o peso da água. Já Domingas, fala das dificuldades que enfrentou com seus cinco filhos para sustentar, quando não conseguia nada para comer ia para a mata cortar palmito com um dos filhos mais velho para fazer a refeição do dia. Deste modo, entendemos que os processos não foram fáceis para conseguir colocar comida na mesa, e houve muitas outras pessoas que passaram por isso, eu mesmo sou prova viva, passei por todas essas dificuldades, já que também morava no barraco de lona. Desta forma, a renda da terra está empregada ao capital, o que significa que o crescimento da produção do capital priva a terra de rendimento, reduzindo o excedente produzido pelos agricultores ao mínimo necessário para a reprodução material.

A aquisição de terras foi uma resposta a esta exclusão, permitindo a reintegração dos trabalhadores na sociedade, a ocupação não só os reintegrou na produção capitalista, mas também representou uma forma de resistência à desapropriação e à exploração. Lutar pela terra é como lutar contra o capital, o fracasso da reforma agrária fez com que a apropriação de terras se tornasse uma forma importante de aquisição de terras. A ocupação é vista como uma intervenção dos trabalhadores no processo de expropriação, como uma luta contínua contra o capital e como uma representação da resistência à exclusão dos capitalistas e dos proprietários de terras. A questão de tirar os indivíduos da sua terra, tirar a sua fonte de renda e as terras dos camponeses que estão interligadas, e a desterritorialização de uma implica a territorialização da outra. Estes processos não são lineares nem discretos, e a territorialização do capital abrange a produção e reprodução camponesa.

## 5 O ENSINO NO ASSENTAMENTO BOM JESUS

Durante esses trinta e nove anos, o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) vem proporcionando, aos companheiros/as dos Assentamentos, formações para assumirem as salas de aula desses espaços, tendo em vista que é fundamental a presença de profissionais da própria comunidade nos espaços escolares, pois assim há grandes possibilidades dos alunos se devolverem melhor e entender o princípio do Movimento, pois esses profissionais têm grandes influências no cotidiano dos alunos do campo.

Domingas relata que,

“É muito importante que tenha um professor de dentro do Assentamento, porque o professor já sabe como funciona o Assentamento, aí quando chega outro professor de fora, mas não sabe a demanda e os princípios do MST, já o professor daqui já sabe de todas as demandas do Assentamento. [...] Então fui a uma reunião essa semana, tinha uma menina, que não era daqui, que disse que ela não sabia das dinâmicas daqui, aí ela foi lá para esse encontro e gostou bastante, não era aquilo que ela imaginava. Portanto, o professor então tem que ser daqui de dentro do Assentamento ou alguém que faça parte do MST.” (Entrevista, Maria Domingas, 2023).

Tendo em vista que, como moradora do Assentamento, mesmo não tendo filhos estudando mais na escola, Domingas fala da importância dos professores serem da área da reforma Agrária, para que os filhos dos assentados e seus netos possam ter uma educação de qualidade, respeitando os princípios do Movimento.

Portanto, é importante que o professor possua um conhecimento prévio das demandas das famílias e alunos, pois é algo fundamental para as compreensões das temáticas relacionadas ao próprio indivíduo e o desenvolvimento das aulas, sendo que, esse professor não precisaria sair da sua comunidade para dar aula em outra localidade, sem risco de faltar, e o recurso financeiro, destinado a esse professor, já ajuda os companheiros do próprio Assentamento, e os alunos terá aula todos os dias. Quando os professores são das próprias comunidades os diálogos são mais fáceis até para suprir um dia de trabalho, caso eles faltem, pois vivemos em coletividade.

Deste modo, o espaço analisado neste trabalho funciona com classes multisseriada, com alunos do primeiro ao quinto ano, contudo não possui professor que more dentro do próprio Assentamento Bom Jesus, geralmente sendo os professores da comunidade vizinha ou da sede do município, que vêm dar aula, mas, atualmente, a professora é do Assentamento Limoeiro, que fica próximo ao Bom Jesus. Os professores dos Assentamentos, sejam eles do Bom Jesus ou do Limoeiro, são todos contratados. Os trabalhos nas escolas do campo sempre é dobrado, dentro dos Assentamentos não temos professor auxiliar de sala, e com isso o

professor tem que dar conta da sala inteira multisseriada, aquele contratado para trabalhar 20 horas, acaba trabalhando muito mais, e só é remunerado no valor das horas que está no contrato, como esses profissionais não têm auxiliares e tem que dar conta da sala inteira das cinco séries de níveis diferentes, as atividades acabam se acumulando durante os horários fora de seus turnos, para a efetividade da aula do dia seguinte. Mesmo com esses desafios, os assentados e filhos de assentados estão se qualificando para dar aula dentro dos próprios assentamentos, tudo isso para que as culturas e costumes prevaleçam dentro das comunidades, e a família possa contribuir na agricultura familiar.

No Assentamento Bom Jesus as aulas acontecem no período matutino, Fundamental I, A professora que ensina é do Assentamento Limoeiro, a parte do lanche e da limpeza do espaço é a mesma pessoa do período matutino para essa função, cada ano é escolhido uma pessoa diferente. No caso do Bom Jesus, trabalha, por vez, cada assentado que tenha interesse, mas antes do início das atividades é preciso deliberar em Assembleia os nomes de quem está se disponibilizando para trabalhar durante o ano, a fim de determinar quem exercerá a função nesse período. Como trabalhamos em coletivo, a rodada para trabalhar nas escolas passa por todas as pessoas interessadas, todo ano tem votação para eleger quem vai trabalhar na escola, mas se a companheira não quiser, podemos, também, colocar alguém no lugar para trabalhar, em comum acordo entre eles, mas isso também para Assembleia, no intuito de todos concordarem com o acordo feito.

## **5.1 LUTA DO MST POR UMA EDUCAÇÃO DO CAMPO**

O Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) luta todos os dias para que a educação do campo seja justa e igualitária para todos os filhos de assentados, acampados e toda a comunidade camponesa, buscando qualificar profissionais que vivem no campo, e formando as juventudes para que possam estudar fora da comunidade, para que esses jovens possam contribuir dentro dos próprios Assentamentos ou no Movimento. Além disso, lutamos para que nossas escolas dos Assentamentos tenham professores qualificados para suprir as áreas especificadas de cada um, resistindo e lutando para que os nossos filhos possam assumir esse papel para dar aula dentro das áreas da reforma Agrária.

Assim sendo, precisam-se repensar as necessidades das escolas/classes multisseriada para a formação de indivíduos críticos, com consciência da importância de seu espaço, tanto



economicamente, como socialmente e culturalmente. Precisam ser implementadas políticas públicas que garantam a existência dessas escolas e documentos que validem as práticas pedagógicas voltadas para essas realidades, além da formação de professores sensíveis para compreensão destas especificidades, formação acadêmica e continuada de forma crítica para compreensão histórica do significado e importância destas escolas do campo, tanto para os movimentos sociais, que lutaram até aqui para sua existência, mesmo com o avanço das políticas neoliberais na educação, como para todas as pessoas que vivem no campo, cada qual com sua particularidade, além da necessidade da conservação das práticas de comunidades do campo, diante da realidade atual, do avanço do capitalismo e da globalização, que apesar de seus pontos positivos, desvalorizam a existência dessas comunidades em detrimento da valorização da vida urbana, considerada produtiva.

Durante essa trajetória, nunca foi fácil os diálogos com a Secretaria de educação e o Prefeito, hoje visualizando se for necessário ocupar o espaço da Secretaria de Educação como já deixamos claro para o Prefeito que a comunidade apoia todos os anos de eleições, se o Prefeito e a Secretária não atender às nossas demandas dos Assentamentos iremos ocupar a prefeitura, como fazemos em outros espaços, mesmo sabendo que levam meses para nos receber, mais a luta e a resistência continua.

Ressaltamos que todos os anos os sócios sentam para discutir a pauta do ano juntos com o prefeito do município, essa pauta é feita em Janeiro para alguns encaminhamentos interno e externo dos Assentamentos, junto está inclusa o pauta da educação para nossa comunidade, nela esta os nomes dos professores que queremos para dar aula para os filhos dos assentados, nomes de quem vai suprir o cargo de merendeira e da limpeza, tudo isso é descido em assembleia para que todos fiquem cientes dos fatos ocorridos e se todos concordam com tudo que está em Pauta, ainda com todas as discussões feita com o prefeito do município é notável a necessidade de se repensar a formação de professores para as classes multisseriada na Educação no e do Campo, para que sejam pensadas práticas pedagógicas que compreendam as necessidades destes alunos. Levando em consideração o contexto vivenciado por estes alunos que possuem especificidades que precisam ser pensados, como o contato com a terra, o trabalho com a agricultura, as culturas próprias destas regiões, alguns anos atrás os nossos alunos se deslocavam para a sede do município estudar quando passava para o sexto ano, depois de muitas lutas e resistência conseguimos trazer esses meninos novamente para estudar dentro da escola do movimento no Assentamento vizinho, uma luta que não foi fácil trazer novamente os estudantes para estudar dentro do Assentamento.

## 5.2 A INCLUSÃO DE CRIANÇAS NAS ESCOLAS DO CAMPO

Inclusão de Crianças com Necessidades Especiais nas escolas do campo não é novidade, que numa sala de ensino regular é uma realidade tão frequente de se encontrar no meio educacional, como um processo de realidade na expectativa encontrada, hoje muitas escolas não se enquadram ou não são reformulada para receber essas crianças com necessidades especiais, principalmente nas escolas do campo existem um grande despreparo por meio das políticas públicas e do núcleo escolar. Durante esses anos de reforma agrária essa escola nunca teve apoio da Secretaria de Educação voltada para crianças que precisam de apoio, o MST e os professores sempre estiveram presentes na vida dessas crianças, já que não temos suporte da secretaria de educação. Os professores sempre estiveram atentos aos alunos mesmo não sabendo lidar com tudo porque não são qualificados na área, mas na escola estão incluso em todas as atividades, mesmo os pais e a comunidades ajudando nesse processo da educação, sempre aparecem comentários que os alunos não estão aprendendo por causa do professor, sendo que os professores faz de tudo para que os alunos tenha um bom desempenho nas atividades, como relata a professora a seguir:

“[...] Lidamos com a turma de alunos com várias déficit de aprendizagem e aí nós tratamos, todo mundo dependendo do grau de dificuldade de cada um deles então, eu lido normalmente com todos assim trato todo mundo bem, agora na hora da metodologia do ensinado às vezes a gente faz um plano de aula só mas o desenvolvimento da metodologia dentro da sala de aula vai de acordo de aprendizagem de cada um deles no grau de dificuldade de cada um.” (ENTREVISTA, JOANA, 2023)

Deste modo, percebemos que a professora trata todos iguais mesmo não sendo um profissional da área, mas tenta passar o melhor para o aluno, mesmo sabendo que os alunos têm uma grande dificuldade de aprender, a seguir ela continua reafirmando as dificuldade encontrada e os desafios.

“[...] Ai é muito difícil eu tenho que me virar para dar contas das atividades, tentar passar o meu melhor, até porque se os alunos não conseguir ter um bom desempenho os pais ainda joga a culpa na professora, né mesmo? Mas todos nós sabemos que não conseguimos dar conta de uma turma multisseriada sem um auxiliar de sala, e ainda tem aqueles alunos que têm algumas necessidades especiais, temos que lidar com tudo isso e ainda saímos como um mal professora. É muito difícil mesmo temos que ficar atentos em tudo porque temos alunos do pré ao quinto ano, à escola do campo era pra ser mais valorizada, a educação do campo ainda é precária.” (ENTREVISTA, JOANA, 2023)

Tendo em vista que, nos relatos a professora relata sobre o que vivem na sala de aula com algumas dificuldades encontradas, como é difícil trabalhar em uma sala multisseriada sem auxiliar de classe e por muitas das vezes os pais ainda os culpam pelo mau desempenho dos filhos na aprendizagem. Logo abaixo Joana continua falando um pouco da sua dificuldade dentro da sala:

“Assim nós da educação do campo da área do campo da zona rural nós não excluímos ninguém aceitamos todos atendemos da forma que nós podemos como todos os alunos. Nós atendemos por iguais agora. Mais encontra essa dificuldade muito dentro da sala de aula porque a gente não tem materiais didáticos apropriados, nós não temos uma tecnologia avançada para nos ajudar com essas demandas de crianças com dificuldades e inclui-os e nós fazemos de tudo para que eles não se sintam excluídos, mas assim a questão da aprendizagem nós temos alunos, só que ele não são diagnosticado. Agora que o município colocou um profissional para estar dando acompanhamento dessas crianças, mas assim é um profissional para todo o município para atender todas as escolas do município de Igrapiúna então não tem como avançar no desenvolvimento e aprendizagem desses alunos.” (Entrevista, Joana, 2023).

A inclusão de crianças com necessidades especiais no ensino regular brasileiro é mais que uma lei, é um ato de coerência e amor para com todas as crianças, pois, todas saem ganhando com uma educação inclusiva, uma vez que não há lugar melhor para as crianças do que um ambiente que respeite, acolha e compreenda todas as diversidades buscando desenvolver ao máximo as potencialidades e inteligências infantis. Pois, ainda vemos escolas que não aceitam as crianças com necessidades especiais.

O acesso ao ensino regular é fundamental para o desenvolvimento pleno da criança com necessidades especiais e exaltamos mais para qualquer criança, pois esse contato interpessoal é essencial para o seu desenvolvimento enquanto indivíduo. O referencial Curricular Nacional para a educação infantil destaca a relação entre educação e diversidade deve inserir as crianças em um ambiente que respeite todas as diversidades, Brasil afirma que:

As crianças possuem uma natureza regular, que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito próprio. Nas interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhe são próximas e com meio que as circunda, as crianças revelam seus esforços para compreender o mundo em que vivem as relações contraditórias que presenciam e, por meio das brincadeiras, explicitam as condições de vida aqui estão submetidas e seus anseios e desejos. [...] Compreender, conhecer e reconhecer o jeito particular das crianças serem estarem no mundo é o grande desafio da educação infantil e de seus profissionais (BRASIL, 2011, p 22).

Ressaltamos acerca da natureza do pensamento infantil que expressa e constrói conhecimento das interações sociais das atividades lúdicas, as atividades lúdicas têm um propósito de aproximar o modo do pensamento infantil, desenvolvendo juntas suas potencialidades com os demais, um conhecimento o brincar é um elemento fundamental, pois o brincar para a criança é mais que distração, o brincar está construindo conhecimento e

estabelecendo relações. E por isso que os jogos e brincadeiras são de extrema importância possibilitando as interações, liberdade e criatividade elementos fundamentais para uma educação infantil inclusiva de qualidade.

Deste modo, a educação inclusiva no ensino regular como benefício para todos, é preciso pensar uma educação voltada para e com todos os alunos que precisa de desenvolvimento, focado nas necessidades individuais, isto que nas escolas do campo os desafios são constantes quantos para o aluno, pois eles precisam de uns profissionais para ajudar no seu desenvolvimento nas tarefas. Sendo que os professores não dão conta de suprir uma sala multisseriada e com alunos especiais. Desta forma, o aluno sai prejudicado no ensino e aprendizagem, pois os professores não conseguem avançar nas aplicações das atividades desenvolvidas.

Dessa forma, procuramos, então, questionar a maneira como a inclusão está sendo implementada nas escolas rurais e como isso afeta os sujeitos envolvidos, especialmente relacionados com as diferenças socioculturais. Ao combinar diferentes métodos de investigação, os investigadores podem obter uma compreensão mais abrangente, também, do ambiente educacional nas escolas rurais, tanto do ponto de vista prático como subjetivo. Este tipo de abordagem abrangente é valioso para conduzir uma análise ampla e apoiar recomendações ou propostas de melhoria. No seguinte tópico iremos discutir um pouco sobre o processo da alfabetização no Assentamento.

### **5.3 O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NO ASSENTAMENTO BOM JESUS**

Quando falamos na educação do campo nas escolas em geral, nos deparamos com um cenário pouco motivador. Geralmente são carregados como barulhos, sala sempre cheia com turma multisseriada. Os professores se dividindo com a precarização curricular na aprendizagem do ensino do campo. Mesmo assim nós, do movimento dos trabalhadores rurais sem terra (MST), sempre nos preocupamos com a educação dos filhos dos assentados, mesmo sem escola os moradores do Assentamento fazem barracão de lona, ou madeira, para que os alunos pudessem estudar como relata Francisco Tadeu, um dos assentados mais velho do assentamento Bom Jesus:

Desta forma, Todo os acampamentos montado pela área da reforma agrária, de início logo é a escola! Qualquer Assentamento, qualquer acampamento que é montado, a escola é construída de imediato, fazia os barracos no outro dia estava construindo a escola... Se fosse de lona de qualquer forma, mas sempre construir a escola para os sem terrinha estudar, os acampados construíram uma escola de pau-a-pique, após desceram para mobilizar o município para

mandar um professor. Na época a fazenda passava por alguma dificuldade em relação a estrada, não tinha transporte era uma zona rural muito desprezado, até porque o município de Igrapiúna era novo tinha sido emancipado há pouco tempo e o desprezo era grande, com toda essa dificuldade das estradas do município, então a Secretária de Educação no momento que os acampados buscou junto com o pessoal que vieram dá uma força aos acampados daquela época quando chegaram lá encontraram uma resistência por parte do município a Secretário de Educação, disseram que eles não tinham obrigações de mandar professor para o acampamento, porque os professores eram concursados e não tinha professor que queriam ensinar na zona rural, pois dentro do grupo dos acampados tinha o irmão do companheiro Tadeu, que já tinha concluído o ensino médio, aí nesse momento, Tadeu lembrou e citou o nome do irmão, o Senhor Francisco, para dá aula por enquanto até resolver as questões burocráticas do acampamento, diante disso, eles concordaram de mandar Francisco para dá aula no acampamento, mesmo com um professor a escola não tinha nenhum material para dá suporte ao professore e os alunos não tinham lanches, assim na hora do intervalo os alunos iam para os quintas muitas das vezes procurar goiaba, jaca ou cacau verde para lanche, e assim foi o começo da educação no acampamento que hoje é Assentamento, depois de alguns anos, mandaram uma professora para dá aula e ela acabou se acampando juntos com os outros acampados. Daí começou a melhorar os sistemas da educação do acampamento, e sempre nos fazendo presente na discursões da educação, ela é constante pelo movimento sempre tivemos essa preocupação com a educação, dentro dos Assentamentos.

O movimento sempre teve essa preocupação de estar se mobilizando fazendo mobilizações pressionando os governos para que isso aconteça de forma justa. Depois de muitas lutas e resistência por parte do movimento o Assentamento está bem melhor, com muita luta hoje o Assentamento já tem uma estrada, o movimento ele não só melhora a vida dos assentados, mas também melhora a vida das comunidades vizinhas, depois que o Assentamento chegou melhorou o sistema das escola do campo, da educação como uma infraestrutura bem melhor e hoje o assentamento tem uma escola com uma boa estruturas e professores qualificados que atuam dentro dos movimentos sociais.

Desta forma, no processo de ensino dentro dos Assentamentos os professores sempre deram seu melhor, até porque são professores indicados pelo movimento, então desde início o MST vem se preocupando com a educação das crianças, e não é diferente para dá aula para nossos alunos, são professores selecionados pelo movimento e os pais serão informados em

uma assembleia geral, como já foi mencionado o processo de educação são com classe multisseriada a maioria dos professores fazem parte do movimento do núcleo do MST, e sempre lutando para que o núcleo escolar seja, todos profissionais do MST.

Por outro lado o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra deveria investir mais nos profissionais da educação especialmente na educação inclusiva, a reforma agrária tem uma linha vasta de educadores e educadoras, mas não na educação especial, tendo em vista que, nós do movimento temos que pensar e ter um olhar sensível para essas crianças que precisam de cuidados especiais.

Quando nos questionamos sobre esta educação sabemos que essas crianças têm uma série de direitos, mas na prática não é bem assim, as escolas do campo sempre sofreram e continuam sofrendo nesse contexto na educação do campo no ensino e aprendizagem, nas matérias desenvolvidas dentro do ambiente escolar.

Comprendemos que essas escolas não fornecem equipamentos e estruturas para que a educação dos alunos seja de qualidade, visando que o estado não se importa com a educação do campo e a educação no campo, sendo que, os pais e as comunidades não contribuem nas formações dos sujeitos por falta de experiência, muitos pais e professores ficam refém do estado por não proporcionar uma boa educação para esses alunos.

Podemos visualizar que, o processo de alfabetização inclusiva nessas escolas é como uma fonte de energia para os professores, pois eles se deparam com várias situações dentro da sala de aula. Sendo que os estudantes com necessidades especiais ficam no mesmo ambiente sem auxiliar e os professores capacitados para atender as demandas dos alunos, desta forma, sabemos que todos tem por direito de um auxiliar de classe para ajudar na construção das atividades, mesmo assim os desafios são constantes desses professores para lidar com situações diariamente como essas, pois a escola não tem apoio do estado e nem da secretaria de educação.

No entanto, os ensinamentos desses alunos são com base nos conhecimentos que os professores tem, mesmo não sendo capacitado para ensinar alunos com necessidades especiais, tentam lhes dá uma boa aprendizagem, mas sabemos que o alunos não são bem contemplado com o ensino, os professores se desafiam todos os dias para que eles possam alcançar um bom resultado no desenvolvimento, tendo em vista que as escolas não tem estrutura e capacidade para atender as demandas dos alunos, os professores criam estratégia para lidar com o ensino e aprendizagem dos alunos, a sala sempre cheia com alunos de várias série juntas. Como essa escola está localizada dentro do Assentamento a convivência dos

professores e alunos são frequentes isso acaba ajudando no processo do desenvolvimento para criar estratégias até porque, os professores acabam conhecendo seus alunos, porque o professor tem que conhecer o aluno para que eles consigam ter uma boa relação dentro da sala de aula, e isso na área da reforma agrária sempre trabalhamos para que os professores tenham uma boa relação com o aluno e famílias.

Em um dos seus artigos os professores Terciana Vidal Moura e Fábio Josué Souza dos Santos discute sobre o contexto em que as classes multisseriada estão inseridas no Brasil, sendo ela a junção de alunos de diferentes anos escolares em uma mesma turma, esta é uma realidade principalmente de escolas da zona rural no Brasil, por muitas vezes, sendo responsabilidade de apenas um professor. Segundo os autores, as escolas do e no campo é direito conquistado através de lutas dos Movimentos Sociais, e a maioria das escolas com classes multisseriada estão situadas principalmente na região Nordeste, possuindo importante papel político e pedagógico para essas populações, garantindo o acesso à educação, historicamente estas escolas com classes multisseriada colabora para a diminuição dos índices de analfabetismo do país. A partir das discussões realizadas pelos autores, é notável a necessidade de se repensar a formação de professores para as classes multisseriada na Educação no e do Campo, para que sejam pensadas práticas pedagógicas que compreendam as necessidades destes alunos. Levando em consideração o contexto vivenciado por estes alunos que possuem especificidades que precisam ser pensados, como o contato com a terra, o trabalho com a agricultura, as culturas próprias destas regiões.

Lutamos para que cada dia mais formasse profissionais qualificados nas áreas da reforma agrária para atender nossas demandas dentro e fora da sala de aula. Entendemos que mesmo com essas contribuições que o MST vem dando para as escolas do campo, os movimentos ainda precisam avançar na construção de professores qualificados na área da educação. Logo em seguida o companheiro Tadeu relata novamente sobre a educação dentro do assentamento:

“A educação tem muito que avançar porque os professores, do Assentamento, tem dificuldade porque as aulas quando se inicia já é no terceiro mês do ano, as aulas da zona rural sempre começa atrasada, o professor principalmente dos Assentamentos ele trabalha com as ferramentas que ele tem improvisada. Muitas das vezes aqui até a merenda escolar é totalmente diferente da cidade, o professor às vezes é mal remunerado, até porque os professores dos nossos Assentamentos eles não são concursados, são professores contratados, não recebem 13º, são professores que tem de fazer tudo [...] professor tem que entrar na sala de aula ser auxiliar de ensino, ser professor ao mesmo tempo.” (Relato, Francisco Tadeu, 2023).

## 6 ANÁLISE INTERPRETATIVA DOS DEPOIMENTOS

Pelos depoimentos dos companheiros assentados percebemos como foi difícil essa trajetória de dezenove anos dentro da reforma agrária desde o processo de ocupação aos anos atuais. Desde modo, os relatos de cada um/a são quase parecidos, foram muitas lutas e resistência durante esses processos vividos dentro do Assentamento.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) proporcionou momentos marcantes durante essa caminhada para as famílias assentadas, como acessibilidades nos conhecimentos proporcionados pela reforma agrária, além de contribuir para ter acesso a terra, isto foram uns dos objetivos dos companheiros que passaram por todos esses processos debaixo da lona preta, ter um canto para cultivar alimentos saudáveis, mesmo com todos os desafios encontrados durante esses dezenove anos, todos os companheiros e companheiras conquistaram seu lote, além das terras todos assentados e acampados tiveram seu pedaço de roça e nele está inserido o cacauzeiro, hoje dentro de cada lote já tem outras variedades de agricultura, como o guaraná, seringa e outras produções para consumo.

O movimento além de beneficiar o lote para essas pessoas contribuiu na formação dos sujeitos, seja para os próprios assentados ou para os filhos. Durante a construção da pesquisa foram escolhidos quatro assentados mais velhos da comunidade e todos já foram beneficiados de algumas formas, além dos cargos que exercem dentro do assentamento, tiveram outras contribuições, como o trabalho na escola. A companheira Maria Domingas trabalhou na escola por um período de um ano como merendeira, o Assentamento contribuiu na formação dos filhos e continua contribuindo, um dos filhos está no Haiti há três anos, fazendo um intercâmbio, foi escolhido pelo o MST a participar deste intercâmbio de dois anos, depois foi renovado para mais dois anos e fora as outras contribuições interna e externa, já Manoel foi eleito o presidente do Assentamento por quatro anos, e a esposa contribuiu na escola como merendeira e hoje ele está no cargo de conselho fiscal dentro do Assentamento. Sempre o MST vem proporcionando as formações dentro e fora do Assentamento, o companheiro Tadeu tem uma contribuição gigantesca dentro do movimento e no Assentamento, já foi presidente, secretário, vice-secretário e professor do EJA várias vezes no assentamento Bom Jesus e outros cargos interno dentro do Assentamento, Jucineide também já foi contemplada de alguma forma além, dos conhecimentos, já trabalhou na escola por dois anos, foi eleita a presidente por quatro anos, coordenadora de grupo por alguns anos, e outros cargos internos como conselho fiscal dentro do Assentamento Bom Jesus.



Deste modo, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) não contribuiu só em dar um pedaço de terra, mas também na formação como sujeito dos que fazem parte deste movimento, mesmo com todas as dificuldades enfrentadas e desafios encontrados, os colaboradores da pesquisa sempre afirmam a importância de se manter inserido dentro do movimento coletivamente buscando aprimorar conhecimento para além da comunidade.

Desta forma, compreendemos que os assentados sempre pensaram no bem estar da comunidade, contribuindo e partilhando informações no coletivo dentro do Assentamento, buscando sempre melhoria para comunidade, e que todos possam viver de uma melhor forma.

Assim, espera-se que este estudo possa contribuir para uma compreensão mais aprofundada sobre as realidades do Assentamento no processo de ensino e aprendizagem, conhecer um pouco sobre o processo de ocupação do Assentamento, além de possibilitar outras discussões acerca da educação do campo, que possam trazer elementos contributivos para uma prática docente.

## **6.1 A CLASSE MULTISSERIADA NA ESCOLA DO CAMPO**

As escolas de classes multisseriada caracterizam-se como um modelo de composição que a escola agrega alunos de várias séries/anos no mesmo espaço sala que tem sido tradicionalmente sustentada por política, com suas singularidades com ausências de políticas públicas específicas. Como as maiorias das escolas do campo com salas multisseriada apresentam precariedade de infraestrutura e de recursos pedagógicos, além do isolamento e da sobrecarga que afetam o trabalho dos professores/às envolvendo o processo de educação e na aprendizagem em diferentes dimensões, promovendo as representações negativas quanto à qualidade no ensino na escola do campo.

Entendemos que a falta de qualidade da educação multisseriada possui sempre os mesmo argumentos aproveitando para legitimar a sua extinção por meio do fechamento de escolas. Em um estudo feito pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), atualizado com base nos dados do INEP, mostra que quase 4 mil escola são fechada por ano, Paulo Alentejano e Tássia Cordeiro afirmam que, no ano de 2011, o movimento dos Trabalhadores rurais sem terra (MST) lançou uma campanha de denúncia contra o fechamento das escolas no campo brasileiro, denominada “fechar escola é crime”, apontando o fechamento de 24 mil escol no campo entre 2002 e 2010. Isso correspondia ao fechamento de 3 mil escolas por ano, o que já era uma barbaridade [...]. Um levantamento atualizado com base nos dados do INEP sobre o número de estabelecimentos de ensino na Educação Básica

revela que, entre 1997 e 2018, foram fechadas mais de 80 mil escolas no campo brasileiro, o que indica que as escolas rurais seguiram sendo fechadas em grande quantidade.

Desta forma, as classes multisseriada tem uma grande importância educacional, sendo que essas escolas são totalmente responsáveis pela iniciação de crianças que vivem nas áreas rurais. Podemos perceber que o problema certamente não é a classe multisseriada, mas a ausência do poder público educacional que não contribui, entendendo as demandas dessa realidade das escolas com turma multisseriada, se as políticas públicas defendesse que classe multisseriada promovesse práticas no núcleo pedagógico escolar promovendo uma educação inclusiva para todos os estudantes camponês estabelecendo com respeito uma boa educação de qualidade contribuindo para toda a população brasileira.

## **7 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A educação na escola do campo, ela proporciona às crianças, familiares e todas as comunidades que está inserida, uma educação de qualidade voltada para seus princípios e costumes. Os documentos que tem norteado todo o sistema educacional defendem que toda a criança que apresenta dificuldades cognitivas e emocionais tem como ser assegurada pelo estado de forma educacional. Os teóricos sempre vêm contribuindo nesse contexto, mas sabemos que na prática não funciona, a educação do campo ainda é precária e marginalizada.

A escola é a fonte principal para contribuir neste processo de desenvolvimento através de uma prática educativa. Desta forma o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), este movimento de luta e resistência vem sempre lutando para que os filhos dos assentados e acampados tenham uma educação de qualidade e professores da luta camponesa que reside dentro da reforma agrária.

Percebe-se com todas essas demandas, além da educação favorecer os pais e as comunidades, já que gera uma renda para os professores das comunidades contribuirá para sua permanência dentro dos Assentamentos, podemos entender que a educação do campo contribui na permanência dos alunos dentro dos Assentamentos sem risco de ser deslocado para outras comunidades vizinhas ou a sede do município, sabemos que os povos do campo não são contemplados com transporte e uma estrada de qualidade isso pode interferir no aprendizado das crianças, por isso que o MST afirma que os nossos professores tem que ser de dentro dos Assentamentos.

Vale salientar que esses professores preferirem cursar a Licenciatura em Pedagogia para da aula a seus filhos, filhos dos assentados e acampados não fogem das suas realidades, pois a educação do campo principalmente nos Assentamentos, os educadores como são moradores do lócus tem como objetivo central educar as crianças com os princípios do movimento estabelecendo saberes do campo baseado com suas culturas e costumes partilhando as histórias dos nossos povos, estudar como surgiu o movimento e como eles funcionam.

Nesse sentido, como fonte principal a educação do campo ainda é precária, não temos uma política pública que possa ajudar essas escolas. Vejo como moradora do Assentamento o desejo de levar projeto para que a Secretaria, comunidade e os assentados tivessem um olhar acessível contribuindo na construção dos saberes das crianças com uma educação de qualidade, construindo praxes na educação inclusiva.

Desta forma o movimento social MST, com sua imensa contribuição na educação das escolas dos Assentamentos, que têm sendo um dos nossos apoiadores nas seleções de professores, tende buscar profissional que vivem nas lutas do movimento para contribuir na educação dos alunos, o que ainda deixa a desejar é que dentro do movimento referente ao baixo sul, onde está localizada esse Assentamento não tem profissionais do MST qualificado para suprir a sala de aula ou auxiliar na educação.

## **8 CONSIDERAÇÕES PROPOSITIVA**

O Assentamento Bom Jesus é meu lugar de pertencimento, moro desde minha infância vivencie o processo de ocupação até o processo de Assentamento que ocorreu desde 2004 até 2024, Embora na minha infância não compreendesse claramente a luta, considerando a minha história pessoal que este trabalho monográfico pode oferecer às crianças sem terrinha a oportunidade de conhecer a sua história e seu lugar de pertence e valorizar os princípios que norteiam a vida de toda a comunidade a luta não foi em vão, tivemos perdas humanas como se sucedeu com meu irmão Benilton de Jesus Oliveira era um dos líderes do movimento e hoje a escola leva seu nome, as crianças precisam ter este conhecimento, a minha trajetória de luta, estive assentada ao respeito os mais velhos, várias pessoas contribuíram de maneira significativa para a conclusão do curso de pedagogia em uma Universidade pública federal, considerando de maior importância que outras pessoas se interessa em realizar novas pesquisas a fim de fortalecer o movimento e a construção da individualidade a partir do registro da sua história como memória viva e o lugar de pertencimento das pessoas, escrever é reconstruir e construir a história.

Compreendendo as dificuldades enfrentadas durante esses anos desde início de ocupação até os dias atuais, como os professores lidam com estes desafios dentro da sala de aula com alunos especiais em uma sala multisseriada.

## REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel. Prefácio: **Escola – Terra De Direito**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- ARROYO, Miguel. Prefácio: **Escola – Terra De Direito**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- CALDART, Roseli S. **Por Uma Educação Do Campo**. Vol. 4. Educação Básica Do Campo. Pdf: Vozes, Petrópolis, 2004. Disponível em: [https://Www2.Ufrb.Edu.Br/Revistaentrelacando/Component/Phocadownload/Category/119?Down\\_Load=125](https://Www2.Ufrb.Edu.Br/Revistaentrelacando/Component/Phocadownload/Category/119?Down_Load=125). Acesso Em 3 De Setembro De 2021.
- DE SOUSA SANTOS, Boaventura. **Um Discurso Sobre As Ciências**. Cortez Editora, 2018.
- FRANCO, Maria Joselma Do Nascimento (Organizadores). **Classes Multisseriadas: Reinvenção E Qualidade Das Escolas Do Campo**. Curitiba: CRV, 2021. P. 65-80.
- FREIRE, O Professor E A Educação Inclusiva Formação, **Práticas E Lugares, Theresinha Guimarães Miranda Teófilo Alves Galvão Filho ORGANIZADORES**.
- GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos De Pesquisa**. -4. Ed. – São Paulo: Atlas, 2002.
- HAGE, Salomão E ANTUNES-ROCHA,
- HAGE, Salomão Mufarrej. **Escola de Direito: Reinventando A Escola Multisseriada**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010 (Coleção Caminhos Da Educação Do Campo- 02).
- HAGE, Salomão. Por Uma Escola Do Campo De Qualidade Social: Transgredindo O Paradigma (Multi) Seriado De Ensino. Em Aberto, V. 24, n. 85, 2011.
- Jusbrasil. **Artigo 28 Da Lei N° 9.394 De 20 De Dezembro De 1996**. Disponível Em <https://Www.Jusbrasil.Com.Br/Topicos/11691706/Artigo-28-Da-Lei-N-9394-De-Dezembro-De-1996>. Acessado em 21 De Setembro.
- Maria Isabel (Orgs). **Escola de Direito: Reinventando A Escola Multisseriada**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. Disponível em: <https://Scholar.Google.Com.Br/Citations?User=O3cgrfwAAAAJ&HL=Pt-BR&Oi=Sra>. Acessado Em 23 De Setembro De 2021.
- MINAYO, Maria Cecília De Souza. **Trabalho De Campo: Contexto De Observação, Interação E Descoberta. Pesquisa Social: Teoria, Método E Criatividade**. 30ed. Petrópolis RG. Vozes, 2011.
- MOURA, Teciana Vidal. **Formação De Professores Que Atuam Em Classes Multisseriadas Nas Escolas Do Campo: Que Princípios? Que Diretrizes? Que epistemologia**. In: EPENN – ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORTE E NORDESTE, (GT 26 – Educação Do Campo), Natal – RN, 2014.
- ORRICO, Nanci Rodrigues. DE SOUZA, Elizeu Clementino. Práticas De Leitura E Protagonismo Docente Em Classes Multisseriadas. In: MOURA, Terciana Vidal. SANTOS, Fábio Josué Souza Dos. FRANCO, Maria Joselma Do Nascimento.(Organizadores). **Classes Multisseriadas: Reinvenção E Qualidade Das Escolas Do Campo**. Curitiba: CRV, 2021. P.191-206.

SANTOS, Marineide José Dos. MOURA, Terciana Vidal. Práticas Pedagógicas Nas Classes Multisseriadas-Ba. *In*: MOURA, Terciana Vidal. SANTOS, Fábio Josué Souza Dos.

**ANEXOS: todas as fotos foram tirada pelo setor de comunicação**



**Acampamento Rosimeire Conceição: Jaguaquara /Foto: Setor de Comunicação do MST Baixo Sul- 2024**









FOTO TIRADA POR: JUCINEIDE MORADORA DO ASSENTAMENTO EM 2023



FOTO TIRADA POR: JUCINEIDE MORADORA DO ASSENTAMENTO EM 2023



FOTO TIRADA POR: VANUSA MORADARA DO ASSENTAMENTO BOM JESUS/ 2024

